

Anônimos mostram a cara

**Um livro-reportagem sobre
as manifestações de 2013**

Karen Fontenele

Gabryella Regina
foto da capa

Thiago Lima
diagramação

agradecimentos

Esse livro é, antes de tudo, fruto de um futuro que começou a ser projetado em 1988. Em 7 de janeiro do ano em questão, um casal começava a abrir mão de seus sonhos para investir na criança que acabava de nascer. Sendo assim, nenhuma palavra seria capaz de traduzir a gratidão que tenho pelos meus pais, que desde o princípio de sua vida conjugal não mediram esforços para me dar tudo o que há de melhor nessa vida. Com uma cama, um berço e um rádio à pilha, eles moveram o mundo para multiplicar o patrimônio e me fazer a pessoa que sou. Porém, de todos os investimentos que fizeram o maior, sem sombra de dúvidas, foi a educação. Hoje eu dedico essa vitória a vocês, que acreditaram em mim desde o início e sempre me enxergaram maior do que realmente sou. Que me deram um lar e me ensinaram que uma família é feita de cumplicidade e amor.

Dedico também à minha irmã, o melhor presente que meus pais me concederam naquela linda primavera de 1990. Por ser sempre meu porto-seguro, meu exemplo de competência profissional e a melhor amiga que alguém pode ter. Fiel, austera nos momentos em que eu preciso escutar verdades e sempre muito sábia em tudo aquilo que diz.

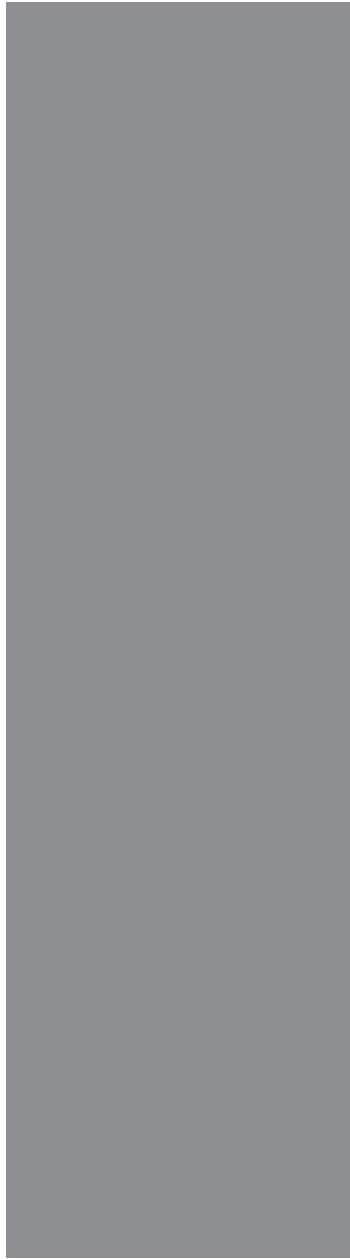
À Andressa Scheidemantel, pelo companheirismo certo durante

as centenas de horas de biblioteca e pela amizade inabalável. A Marcos Alberto, por ser simplesmente o melhor amigo que alguém pode ter e por ter me dado a mão quando eu menos merecia. À Gabryella Regina, pela foto da capa e pelo companheirismo de sempre. A Pedro Correia, pelo exemplo de excelência em livro-reportagem, que tanto me inspirou na consecução desse projeto. A Paulo Paniago, por ser o maior escritor brasileiro e eterna referência em literatura. A Fábio Pereira, por sempre mostrar que a humildade deve preceder a sabedoria na vida de um jornalista-intelectual. À minha orientadora Liziane Guazina, por ter acreditado nesse projeto até o fim e por ser meu ícone de escritora e mestre desde os tempos em que eu cursava jornalismo. À UnB por ter me mostrado o poder transformador de uma universidade federal e por ter trazido amigas inspiradoras como Taciana Paim, Douglas Amorelli e Jéssica Teixeira.

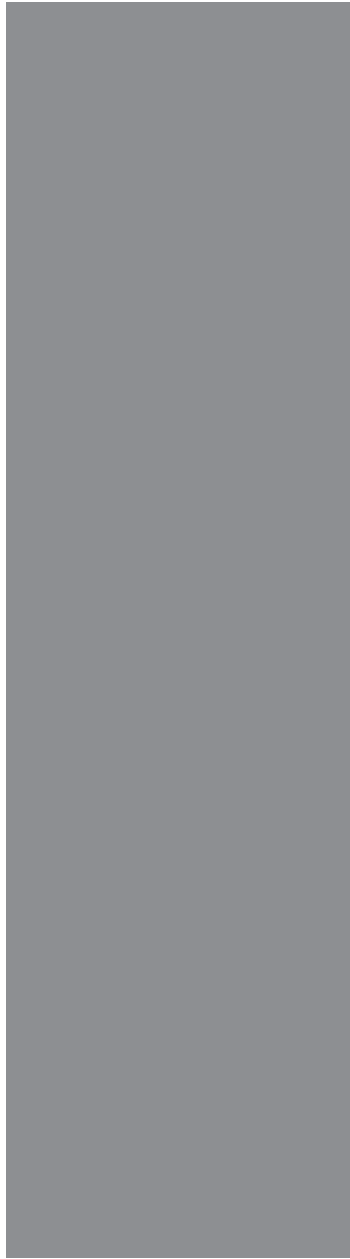
Dedico também esse livro a Acidmud, o hacker que utiliza seus conhecimentos para a construção de um país melhor e à Ursula Diesel, minha primeira orientadora da vida e amiga eterna. Agradeço ainda a todos os entrevistados de Brasília e de São Paulo, pois sem eles, nada disso seria possível.

Ofereço ainda a todos os meus professores, desde o ensino fundamental. Sem a dedicação e a sabedoria de vocês, eu jamais me tornaria essa pessoa sedenta pelo conhecimento. Em especial a Luiz Carlos Assis Iasbeck, o grande mestre de uma vida acadêmica, que despertou em mim a paixão pela Comunicação Organizacional.

Por último e, no entanto, mais importante, a Deus. Se as palavras transcorrem por essas páginas é porque Sua força me move dia a dia. Agradeço pelo dom da existência, mas, além disso, por me deixar sobreviver até mesmo quando meus pecados foram maiores que a minha fé. Por amar a pequenez do meu ser e por iluminar até os dias mais sombrios da minha existência. A Ele, tudo o que sou e que sei.



*Alguns nomes foram trocados
para preservar a identidade das fontes*



*“(...) Viver não é necessário; o que é necessário é criar.
Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso
Só quero torná-la grande,
ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a
(minha alma) a lenha desse fogo*

*Só quero torná-la de toda a humanidade;
ainda que para isso tenha de a perder como minha.
Cada vez mais assim penso ”*

Fernando Pessoa



ÍNDICE

17 Introdução

PARTE I São Paulo

23 O grito da selva de pedra

39 I – O naufrago

51 II – Prazer, correria

59 III – A noiva do ABC

PARTE II Brasília

69 Capital em chamas

85 I – Vadia, sim Senhor!

99 II – Capitão Fitness

107 III – Letrada

117 IV – O dono do mundo

129 De volta às ruas

introdução

O relógio da Praça da Sé marca 18h45 quando a primeira bomba explode no centro de São Paulo. Milhares de cidadãos continuam marchando a cantar: “Eu sou brasileiro, com muito orgulho, com muito amor.” Apesar do grito, a sensação é de total indignação com a política brasileira. O descaso dos governantes parece suprimir o medo dos brasileiros que avançam pela avenida. São jovens, adultos, idosos e até mesmo crianças que lotam as ruas da capital econômica do país.

Quando a multidão chega ao bairro Bela Vista, mais precisamente à rua Humaitá, um pai ergue um bebê recém-nascido no centro do movimento. O povo vai à loucura e começa a bradar pelo novo país que começa a ser construído para aquela criança. A mãe aflita, segura o carrinho do bebê na diagonal, assistindo ao esposo barbado urrar empolgado com os aplausos dos manifestantes. Há um sentimento de mudança pairando no manifesto. Alguns afirmam sistematicamente que se está vivendo uma revolução. Outros, menos otimistas, acreditam que se trata apenas de um modismo, uma onda de manifestações da emoção que logo será dispersa.

As revistas anunciam transformações. Na capa da Istoé de julho, a frase: “Você mandou e o poder se mexeu.” Na edição de 20 de junho da Revista Veja, uma jovem envolta na bandeira nacional e os dizeres: “Os sete dias que mudaram o Brasil.” O manifestante que ora estava sendo retratado como o vândalo sem causa, começa a ganhar o *status*

de herói na grande mídia. Mas as mudanças são realmente palpáveis?

São milhares de rostos, milhares de sonhos que dividem o mesmo espaço nas ruas de São Paulo. O momento é propício: 15 de junho de 2013, abertura da Copa das Confederações. Os olhos do mundo estão voltados para o Brasil. Uma grande parcela da mídia internacional destaca os movimentos em suas manchetes. Carla Dauden, cineasta brasileira, publica um vídeo no Youtube dizendo para os estrangeiros não virem os jogos. As mídias revelam os fatos ocorridos em cada uma das cidades. Mas quem são os brasileiros que foram às ruas? Qual é o rosto por detrás das máscaras dos movimentos sociais? Quais são suas angústias, sonhos e aspirações? Foi tentando responder a essas perguntas que uma repórter foi às ruas.

E para compreender o fenômeno deflagrado em junho de 2013, é necessário captar, antes de tudo, o cerne dos movimentos. Para isso, realizei durante o meu projeto experimental de final de graduação uma observação participante junto a um pequeno grupo de usuários de transporte público na capital econômica do país. Tal escolha visou registrar os fatos ocorridos no dia 16 de junho de 2013 de acordo com a impressão desse grupo e partiu do pressuposto de que a eclosão do movimento se deu com a propagação das reivindicações quanto ao preço do transporte na capital paulista. Em um segundo momento, resolvi reconstituir a manifestação ocorrida em Brasília no dia 20 de junho de 2013 sob o ponto de vista de um pequeno grupo formado por pessoas que participassem do meu cotidiano.

Sendo assim, cada uma das duas grandes partes do livro subdivide-se em dois blocos. O primeiro traz os fatos ocorridos em uma das cidades de acordo com o cotidiano de cada personagem do grupo entrevistado. Nos capítulos subsequentes são traçados perfis dos participantes que foram personagens no anterior. Para tanto, insere-se cada um em um contexto brasileiro em temas que vão desde carga tributária até separação judicial. O intuito é o de fazer com que o leitor compreenda melhor os anônimos que foram às ruas, atribuindo-lhes uma visibilidade que foi escamoteada pela velocidade das mídias tradicionais e, mais do que isso, explique suas reivindicações.

SÃOP

PARTE I

O GRITO DA SELVA DE PEDRA

AULO

O grito da selva de pedra

São seis e meia da manhã do dia 16 de junho de 2013 quando Janaína Silva acorda em Vila Prudente. A jovem de vinte e seis anos se arruma para enfrentar o transporte público da capital pulsante. Às oito sai do apartamento onde mora com a mãe e o irmão em direção ao ponto de ônibus mais próximo. Apesar de ter apenas um metro e sessenta e três centímetros de altura, parece ocupar um imenso espaço em meio à multidão que a esmaga dentro do transporte. Ao descer, a sensação de alívio não dura mais do que alguns minutos, afinal, é preciso encarar mais uma etapa: o metrô. Ao adentrar o vagão, cresce a sensação de revolta e a certeza de que hoje se juntará aos manifestantes para protestar contra o preço da tarifa de transporte público na Praça da Sé. Caso contrário, Janaína, que gasta dez reais diariamente em passagens, terá que se adaptar ao acréscimo de vinte centavos em cada bilhete que adquirir, além de continuar sendo sufocada contra as grades durante o período de duas horas que gasta diariamente dentro dos coletivos.

Enquanto isso, o funcionário público Rodrigo Freitas dirige seu Corsa 1.0. O tempo que ele leva para chegar ao seu local de trabalho é exatamente o mesmo de Janaína gastando os mesmos dez reais para ir no conforto de seu carro para a Universidade de São Paulo (USP).

Na tranquilidade de poucos paulistanos, ele acorda às cinco e quinze, se arruma e vai para a instituição. Se fosse fazer o mesmo percurso usando o coletivo, gastaria doze reais, pois teria que pegar dois ônibus e um metrô, além de ter que tolerar situações com as quais não concorda, conforme explica:

– Não, é que eu não tenho paciência, eu sou intolerante com esse negócio de injustiça, essas coisas. Então eu não aceito pegar ônibus e metrô todo dia e ver aquela situação, sabe?

A cerca de 15 km da Vila Prudente, Tiago Constantino acorda em seu apartamento em São Bernardo. O programador de PCP¹ se troca, entra no Siena cinza e parte para os vinte minutos de trânsito. A loucura começa quando ele coloca os pés na empresa na qual é responsável pelo controle de produção. O ritmo é frenético na fornecedora de bobinas de aço para montadoras. A demanda pelos serviços da empresa de Tiago é latente, fazendo com que o ritmo do rapaz acompanhe o da megalópole paulistana. Elétrico desde a infância, ele é fascinado pelo trabalho que executa, mas não vê a hora de acabar o expediente para se juntar aos paulistas que logo mais invadirão as ruas da capital.

No centro de São Paulo, a correria de Janaína começa às 9h, horário em que ela entra em ação no escritório de uma construtora. Única funcionária da empresa, a jovem é responsável desde a parte financeira, administrativa, telefônica até a de locações.

Em um ritmo completamente diferente, Rodrigo cuida da parte administrativa do Instituto de Química da USP. Responsável pelas verbas de pesquisa dos professores, seu setor controla cerca de setenta auxílios diretamente, além de alguns menores de forma indireta.

A mais de mil quilômetros dali, na capital do Brasil, eu, jornalista recém-formada e prestes a concluir o bacharelado em Comunicação Organizacional, preparo-me para escrever o primeiro livro. A ideia é ir a São Paulo e entrevistar pessoas em plena efervescência dos movimen-

1 Programador de PCP é o profissional responsável por planejar, organizar e supervisionar as atividades de produção, obedecendo às especificações e padrões de qualidade estabelecidos. Ele supervisiona a elaboração do plano anual de metas de produção, visando à otimização dos recursos produtivos disponíveis. (FONTE: www.infojobs.com.br)

tos, uma vez que foi ali que eles eclodiram. Além disso, desejo realizar uma pesquisa na capital econômica do país e voltar para Brasília para fazer uma sondagem e comparação com a capital política. Passagens compradas, é hora de entrar em ação.

A situação aeroportuária é caótica. Diversos passageiros reclamam do atraso em seus voos. Os *halls* estão lotados e a infraestrutura nitidamente não dá conta da demanda interna do país. Estamos na época da Copa das Confederações e ainda há reformas por toda a parte. A mídia e o próprio Tribunal de Contas da União veem a situação com pessimismo. O jornalista Carneiro Neto da Gazeta do Povo publica um artigo sobre a Copa intitulado *Fiasco anunciado*. Há uma suspeita latente de que haja desvios. Enquanto isso, o ministro do Tribunal de Contas da União, José Jorge, afirma publicamente que é impossível não haver superfaturamento em algumas obras da Copa.

Antes de o avião decolar, checo o celular para saber se algo está acontecendo nas ruas de Brasília. Um amigo cujo ofício é o de tenente em Taguatinga me chama no chat do Facebook. João diz que está se dirigindo ao Palácio do Buriti no comando de treze homens e não sabe o que lhe aguarda. Eu também não imagino o que me espera. É hora de sentir o fenômeno e extrair dele um ponto de vista. Isenção já me parece um conceito anacrônico. Na própria academia já se torna difícil dissociar as atribuições de jornalismo, comunicação organizacional, publicidade, relações públicas e audiovisual. Tudo se funde, desde a tela dos *gadgets* até a sétima arte. A incerteza é o nosso único leme.

São 15h25 quando chego ao aeroporto de Congonhas com um bloco de notas, uma caneta e a vontade de compreender a onda de manifestações. Inicialmente, opto por não me identificar como jornalista e simplesmente sondar o clima no local. Avisto um funcionário da Swissport e pergunto se a cidade está violenta:

– Não, tá tudo tranquilo – ele responde.

Uma moça de aproximadamente 25 anos observa a nossa conversa e interrompe:

– O pior já passou.

Pergunto então se ela participou e, como resposta, recebo um olhar

de deboche seguido de uma gargalhada e a seguinte frase:

– Não fui para o protesto porque eu tava trabalhando, – disse, sugerindo que estava muito ocupada pra participar de qualquer tipo de frivolidade.

Volto a me dirigir ao rapaz e questiono quem está organizando o movimento:

– Tem várias frentes, mas sei que o pessoal da USP tá na organização.

Agradeço a informação e me encaminho para a frente do portão de desembarque. Avisto um guarda de trânsito e pergunto se a Avenida Paulista vai estar fechada:

– Olha, a concentração vai ser na Praça da Sé, às 17h. Mas ainda não recebi nenhum SMS. Provavelmente vai ficar só na Sé.

Nesse momento, minha mãe me chama no canto e mostra um *post* de um amigo no Facebook: “Odeio bala de borracha, joga uma orbital.” Ela pergunta:

– Filha, o que é orbital?

Minha mãe não sabe que a piada é uma referência a uma droga, a famosa bala cujo design alude a uma ‘órbita’. Eis que ela e o policial, apesar de terem passado da casa dos trinta, estão conectados à cibercultura. Cada um a seu modo.

Nesse momento, meu pai chega para nos buscar no aeroporto. Entro no carro e pergunto:

– Pai, a Paulista tá fechada?

– Não, só fecha às 18h. Tira o relógio, tira tudo porque aqui tá difícil. – diz ele, aflito.

Ao chegar ao hotel, descanso um pouco e vejo as notícias na televisão. Depois de alguns minutos, tomo banho e me visto para enfrentar as manifestações. A presidenta Dilma está reunida com Lula na capital paulista, afirma o telejornal enquanto eu pego o bloco de notas e me despeço de meus pais. Ao cruzar o quarto do hotel, escuto:

– Isso não é pesquisa, é ignorância – afirma meu pai, na tentativa de me fazer desistir.

Saio da Alameda Jaú 1606 em direção à estação mais próxima.

Sinto medo. As imagens amplamente divulgadas pela mídia de gente ferida me faz arrepiar por alguns instantes. Penso em voltar para o quarto de hotel e permanecer no conforto, mas sinto que é preciso ter coragem, não só como pesquisadora, mas como cidadã. É com esse sentimento que chego ao metrô da Consolação, às 18h20. Há uma fila gigantesca para comprar a passagem, que custa R\$ 3,20. Antes, a tarifa era de R\$ 3 e o valor passou por um ajuste de 6,67%. Esse foi apenas um dos motivos que levou a população às ruas e deu origem à campanha: “Não são só vinte centavos.”

E é exatamente devido ao fato de que o estopim da indignação na capital paulista se deu com o aumento das taxas no transporte público que eu optei por conversar com usuários e acompanhá-los durante as manifestações. Foi assim que conheci Janaína, uma vendedora de imóveis de 26 anos, na estação:

– Você poderia me explicar como eu faço pra ir pra estação da Sé?
– perguntei a ela, timidamente.

– Explico sim, mas você tá indo pros protestos?

– Estou.

– Se você quiser, pode ir comigo e com meu noivo. Vi na internet que já tá lotado.

Aceitei o convite e comecei a acompanhá-la. O primeiro desafio foi encontrar o noivo, que estava em outra linha do metrô.

– Eu avisei pra ele não ir pra linha verde, senão a gente se perdia. Eu falei: vai pra linha amarela! – conta a vendedora de imóveis.

Enquanto isso, Rodrigo Freitas espera um amigo na rua Brigadeiro Faria Lima para irem juntos à Sé. Depois de muito tempo de espera, a notícia: ele não vem porque o ônibus não passou. Rodrigo logo conclui que é uma articulação do governo para que menos pessoas estejam presentes e o movimento seja enfraquecido.

Ainda na estação, depois de quase vinte minutos finalmente encontramos Tiago, programador de PCP, vinte e sete anos e nos dirigimos à estação da Sé. Milhares de pessoas gritando em tom de indignação. O primeiro cartaz que vi, com a frase de Renato Russo: “Somos o futuro da nação” simplesmente me fez arrepiar. Janaína e Tiago per-

deram a fala e ficaram muito tempo balançando a cabeça, parecendo não acreditar no que estavam presenciando. Depois de algum tempo tentando compreender, o rapaz disse:

– O que que é isso, meu?

Janaína também confessou que estava toda arrepiada. No chão do metrô, alguns adolescentes ainda confeccionavam suas placas. Outros, com seus apitos, erguiam o cartaz: “Comodismo não me representa.” Na hora do *rush*, trens, ônibus e milhares de pessoas convergiam naquela estação para perturbar o poder público.

Em uma menção ao *impeachment* de Fernando Collor, algumas pessoas também pintaram seus rostos e foram para as ruas. Janaína logo percebeu e disse:

– Olha, são os caras pintadas.

O noivo colocou a mão no bolso e disse:

– Eu só não quero ficar sem o celular.

Assim que saímos da estação, o primeiro símbolo que se destacou foi a máscara de Guy Fawkes, o ícone dos *Anons*, como são conhecidos os componentes do *Anonymous*. É a máscara do personagem do filme *V de Vingança*, criada originalmente nos quadrinhos de Allan Moore e David Lloyd em 1982. Ela foi baseada na aparência de Guy Fawkes, um fanático religioso inglês que planejou em 1605 dinamitar o Parlamento e restaurar a fé católica na Grã-Bretanha. Ele foi preso, enforcado e esquartejado e a data começou a ser conhecida na Inglaterra como o dia da salvação do rei, que é comemorada nos mesmos moldes da nossa “malhação de Judas”, com um boneco representando Guy Fawkes sendo espancado e queimado nas ruas. No *filme V de Vingança*, o personagem tenta realizar o que Guy Fawkes não conseguiu: explodir o Parlamento.

Em meio ao tumulto, uma placa que geralmente encontramos em obras de estabelecimentos privados é ressignificada: “Desculpe o transtorno, estamos mudando o Brasil.”

Nesse ponto, encontramos com Rodrigo, servidor público da USP há dez anos que pede para se juntar a nós. Continuamos a caminhar, lendo atentamente os milhares de cartazes que iam se assomando. Em um

deles, a reprodução de um trecho do artigo quinto da Constituição. Outros manifestantes, no entanto, admitiam ser menos engajados politicamente, erguendo os dizeres: “Todo carnaval tem seu fim #vem-prarua #agentesaiudoface.” Havia também quem parafraseasse trechos de músicas: “É pelos meus direitos que eu não vou seguir admitindo.”

Alguns passos a seguir, a multidão começou a cantar em uníssono: “Eu sou brasileiro com muito orgulho, com muito amor.” Enquanto as belas palavras ressoavam, um cartaz menos romântico era erguido no meio da multidão: “Haddad, mas que vergonha, a passagem tá no preço da maconha.”

O relógio marca 18h45 quando a primeira bomba explode na Praça da Sé. Um helicóptero sobrevoa a área tentando intimidar a multidão. O povo, indignado com a corrupção e o descaso na política, não se entrega. Segue marchando com precisão e começa a gritar: “Sem violência, sem violência.” E já emenda dois outros gritos de guerra: “Putá que pariu, esse governo é a vergonha do Brasil” e “Ôôô, o popular acordooooou.”

A única bandeira erguida na rua é a da UNE (União Nacional dos Estudantes). Uma faixa adverte: “O povo unido não precisa de partido.” A mídia tradicional também parece não representar as pessoas que clamam por mudanças drásticas. Por isso, sem nenhum pudor, todos começam a gritar: “Ei, Globo, vai tomar no cu.”

Quando o movimento chegou à frente do Fórum Hely Lopes Meirelles, observou-se uma grande quantidade de moradores acompanhando de suas janelas, nos prédios ao redor. A multidão começou a chamar os moradores em coro:

– Vem, vem pra rua, vem contra o aumento.

Continuamos subindo a Sé, quando Tiago, olhou pra Janaína e diz:

– Sorri pra foto, amor.

– Vou posar pra foto? Tô protestando, amor – ela respondeu.

– Mas é um momento histórico, meu.

Enquanto isso, um rapaz passava com um cartaz bem humorado: “Enfia os R\$ 0,20 no SUS”, em uma menção ao aumento da tarifa do

transporte público. Outro, mais ufanista, erguia um trecho do hino nacional: “Verás que um filho teu não foge à luta.”

Quando chegamos à travessa da Avenida Brigadeiro Luis Antônio com a rua Maria Paula, os manifestantes ampliaram o grito:

– Vem, vem, vem, vem pra rua. Vem, vem, vem, contra o aumento.

O acréscimo de “vens” era reproduzido apenas por uma parcela de manifestantes, de forma sincronizada. Janaína então observou:

– Tem até segunda voz no protesto.

De fato, a organização foi um traço marcante do movimento e talvez seja um reflexo das torcidas de futebol da capital paulista. Esse pensamento era alimentado pela quantidade de bandeiras de times presentes, além de cartazes com os dizeres: “Vai Corinthians”.

Os entrevistados afirmam que apesar de não ter uma liderança direta, os alunos da USP eram os engajados na organização do evento. Para isso, criavam eventos no facebook com informações sobre onde o movimento seria iniciado, algumas recomendações, dentre outros. Porém, o que verdadeiramente despertou a atenção dos entrevistados para ir às ruas foram as reportagens veiculadas nas grandes mídias tais como a televisão. Eles afirmam que a vontade de ser mais um na multidão e gritar pelos seus direitos foi o que os motivou a ir para a Sé naquele dia 16 de junho de 2013.

Depois de muito tempo de caminhada, os participantes criaram um grito que exigia, além de tudo, preparo físico:

– Quem não pula, quer tarifa.

O barulho do povo contra o asfalto chamou a atenção dos moradores dos prédios ao redor, que correram para suas janelas. Uma mulher com cerca de 30 anos aparece desprevenida na janela com vários *bobs* nos cabelos e logo se afasta do olhar dos manifestantes, enrubescida com o flagra. Outros, aparecem espontaneamente levando lençóis brancos, em um franco gesto de apoio ao movimento. Janaína recorda que esse foi um ponto abordado nos portais de notícia do dia, nos quais alguns participantes convocavam aqueles que não pudessem ir às ruas para aparecerem nas sacadas com tecidos na cor branca.

Alguns desciam e aderiam ao movimento, que minuto a minuto

se fortalecia nas ruas de São Paulo. Emocionados com a quantidade de pessoas, os manifestantes chegaram a criar gritos menos coerentes, tais como:

– O povo unido é gente pra caralho.

Uma jovem passa com uma placa contra a PEC 37. Tiago então pergunta:

– O que é PEC 37?

A Proposta de Emenda Constitucional 37 de 2011, conhecida apenas como PEC 37, foi um projeto legislativo elaborado pelo deputado Lourival Mendes do Partido Trabalhista do Brasil (PTdoB), que visava limitar o poder de investigação criminal a polícias federais e civis, retirando-o de, entre outras organizações, o Ministério Público. Para os procuradores da República, era conhecida como a “PEC da Impunidade”, uma retaliação ao trabalho do Ministério Público no combate à corrupção. No entanto, para a maioria das associações de delegados de polícia, era a “PEC da Legalidade”, que não restringia o papel do MP e retomava o texto da Constituição de 1988. Além dos delegados, a PEC tinha o apoio do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), mas foi rejeitada pelo Congresso Nacional.

A pergunta de Tiago expressou um dos pontos mais criticados por muitas pessoas que não foram às manifestações. Uma das reclamações recorrentes era a de que os manifestantes não tinham consciência política suficiente para estar reivindicando um novo país. Porém, quem estabelece esse critério? O exercício da cidadania demanda o conhecimento de cada emenda constitucional a ser votada pelo legislativo? A resposta é dada no canto da multidão: “Olha que legal, o Brasil parou e nem é carnaval.”

Após horas de caminhada, finalmente a manifestação chegou à Avenida Paulista. Em frente à Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), o povo começou a cantar, batendo palmas:

– Eu sou brasileiro, com muito orgulho, com muito amor.

Cada um manda um recado segundo a causa que defende. Enquanto uma jovem levanta uma faixa defendendo a maconha: “Legalize, é a hora”,

um paulista se dirige ao governador: “Ei, Haddad, dominamos a cidade.”

Ao nosso lado, dois amigos se abraçam:

– Nossa, que coincidência te encontrar aqui, cara.

Um grupo chega com a bandeira do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e logo é retirado do movimento. A regra é clara: o protesto é apartidário. Qualquer tentativa de liderança será reprimida.

Um ônibus está parado na contramão do movimento, impedido de continuar o trajeto. O motorista, com a mão na cabeça, clama aos manifestantes para que não façam nada com ele. A porta está aberta, não há nenhum passageiro dentro do transporte público. A multidão começa a gritar:

– Põe fogo no buzão!

Tiago olha orgulhoso para Janaína e diz:

– Olha, amor, você veio pra rua!

O povo, menos romântico, cerca o ônibus enfurecido e grita:

– Haddad, cuzão, não anda de buzão.

As pessoas começam a chamar a imprensa brasileira de mentirosa e oportunista, então pergunto a Tiago se ele compartilha dessa ideia:

– Claro. Ainda mais a Globo. Falando nisso, podia sair uma bala de borracha aqui no protesto, né? – diz empolgado

– Credo – exclamo assustada.

– Uai, mas você não queria emoção? – devolve o rapaz, irônico.

Penso que ele tem razão. Infelizmente nós, jornalistas, acabamos sendo pressionados a trabalhar com o fantástico, com o trágico. Parece que há uma constante demanda do pior lado da história. Mas será que ela realmente nos é imposta? O abraço dos amigos que se encontram ocasionalmente em um protesto é menos relevante que uma jornalista sendo baleada em plena avenida?

Tudo isso começa a me perturbar quando Janaína me puxa e aponta uma janela de um morador:

– Olha lá, ao invés de um pano branco ele colocou uma bandeira da Brahma. Será que é jogada de Marketing?

O comentário de Janaína deixa claro que as marcas realmente têm que repensar suas estratégias pois os públicos não caem mais com tanta

facilidade em seus encantos. De qualquer forma, acho que foi mais uma gracinha do morador, que estava com uma latinha na varanda do seu apartamento dançando em um total clima de festa. Mas quem há de negar que não era a festa da democracia? Seja no asfalto ou na varanda, era notável a vibração do popular. Porém, Tiago também faz uma observação:

– Pra quem mora nesses prédios e trabalha amanhã, deve ser foda! Como eu vou embora, tá tranquilo, mas pra quem mora, não.

Rodrigo aponta para outra janela e mostra um casal de idosos sentados em uma cadeira de balanço na janela, segurando uma bandeira do Brasil. Ele pega o celular pra tirar uma foto, mas recorda que deixou o novo aparelho em casa. Não importa, vai registrar o momento com o celular velho mesmo, cuja resolução da câmera é deplorável. Depois de fotografar o casal, ele fica contemplando a cena e pensando no quanto aquele senhor já viveu, em quantos momentos históricos já presenciou.

Chegando à fachada do Teatro Brigadeiro, encontramos uma pessoa fantasiada de homem aranha, o super-herói da Marvel que utilizava seus poderes para combater o crime na cidade de Nova Iorque. Seu tio Ben, dono da célebre frase: “Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades”, deveria servir de lição aos governantes do país.

Inesperadamente, um pai ergue um bebê recém-nascido no meio da multidão, que vai ao delírio, entre aplausos e gritos. Alguns bradam que um novo país está sendo erguido para aquela criança que acaba de chegar ao mundo. Janaína, mais protetora e menos simbólica, diz:

– Tadinho, ele nem sabe o que ta acontecendo.

A euforia toma conta das pessoas, que em ritmo de carnaval começam a cantar:

– Hoje, eu tô feliz, eu tô na rua pra mudar o meu país!

Uma senhora de cabelos brancos e sorriso vasto, balança a bandeira do Brasil com vigor na janela de seu apartamento. É a festa da democracia ganhando cor.

Porém, ao abaixar os olhos, vemos uma lembrança menos colorida: um grupo de mascarados pichando o comércio local. As pessoas que passam por perto pedem para que os quatro rapazes não depredem

o patrimônio de outros trabalhadores, mas eles quebram objetos no chão em uma atitude violenta, e continuam estragando as paredes dos estabelecimentos.

Tiago, já cansado do protesto, fala:

– Ah, vamo beber!

Mas continuamos andando. Chegamos então à rua da Faculdade Paulista de Artes (FPA), onde havia um cartaz afixado no muro, com um protesto de alguém que realmente não poderia comparecer aos movimentos daquele dia: “Foi mal, tô apresentando meu TCC.”

Encontramos mais um ônibus parado e, dessa vez, os manifestantes quiseram provocar o motorista, que estava em pânico com as mãos no volante, sendo rodeado pela multidão:

– Oh motorista, oh cobrador, me diz aí se seu salário aumentou!

Em contraste com a agressividade, uma manifestante que gritava essas palavras, segurava a placa: “Mais amor, por favor.” Talvez ela não houvesse refletido que ele só estivesse cumprindo ordens da empresa de ônibus para, no final do dia, pegar o mesmo transporte público que ela.

Tiago, estupefato com a pressão do povo ao redor do motorista, diz:

– Coitado, véi.

As pessoas começaram a dar ordem ao homem:

– Buzina! Buzina!

Desesperado, o motorista começou a buzinar sem parar. Tiago então advertiu:

– Não buzina não, pra você ver.

Um homem vestido de hippie então bradou:

– *Viva la revolución!*

Alguns manifestantes ameaçam atear fogo no ônibus e a multidão começou a gritar:

– Sem vandalismo! Sem vandalismo!

Um homem de terno passa no meio da movimentação em pânico, segurando os bolsos e a pasta, com medo de ser assaltado. O alívio só o consome quando ele entra em um dos prédios.

Enquanto isso na rua, indignados com as intervenções contínuas da Federação da Internacional de Futebol (FIFA) no Brasil, os paulis-

tas aproveitam a oportunidade e cantam:

– Ei, FIFA, paga minha tarifa.

Rodrigo, mexendo no celular, diz assustado:

– Estão tentando invadir a prefeitura!

– Onde? – pergunta Tiago

– Na prefeitura, né, amor? – ironiza Janaína

– Pra variar, a bateria vai acabar – reclama Rodrigo.

– Você avisou à sua mãe que vinha? – perguntou Janaína a Rodrigo.

– Não. Avisar pra que?

Enquanto isso passa um rapaz de uns 15 anos e diz:

– É gente demais aqui, mano!

Rodrigo me avisa:

– Dia 26 tem outro grande aqui. Você podia vir.

Passamos pela academia Sport Físio e os alunos param para olhar a manifestação pela janela. Alguns tiram fotos para postar em suas redes sociais. Então os convidamos a participar, cantando:

– Vem malhar na rua!

Um aluno sai correndo, pega uma folha em branco e um pincel atômico e escreve: “Depois nós vamos.” É a interatividade via vidraça da academia.

Revoltado, Tiago pergunta:

– Cadê a imprensa?

– Deve estar na prefeitura. Deve dar só uma manchetezinha daqui. – diz Janaína

A verdade é que durante toda a nossa trajetória, não vimos um jornalista sequer cobrindo o movimento. Por não ter tido violência, talvez não tenha entrado nos critérios de noticiabilidade da mídia.

E os pichadores não usaram apenas *sprays* sofisticados. Encontramos também quem pichasse bancas de jornal usando simplesmente canetinha hidrocor. A diversidade de instrumentos e de causas era a marca do movimento. Havia quem não tivesse como foco a PEC ou a tarifa, mas a educação. O cartaz era enfático: “Brasil vamos acordar, o professor vale mais que o Neymar.”

O sentimento de estar vivendo um momento a ser registrado também

era presente. Uma jovem segurava a faixa: “Isso vai estar nos livros de história.”

Outros cidadãos estavam menos orgulhosos daquele momento. Um deles passou do nosso lado e simplesmente deu um chute na banca de revistas à direita. Outro pegou um pincel atômico e uma cartolina e escreveu: “Tô tão puto que até escrevi esse cartaz.”

Próximo ao Museu de Arte de São Paulo (MASP), um menino de oito anos é amplamente aplaudido ao segurar o cartaz: “Não é por R\$ 0,20 é pelo meu futuro.” Ao lado dele, uma mulher segura flores e simula o velório do país. Uma criança de mais ou menos doze anos usa uma máscara dos *Anons* e alguns manifestantes batem panelas.

– Tinha que ter um panelaço, né? – ironiza Rodrigo.

Quando caminhamos em frente à Faculdade Cásper Libero, tradicional por seu curso de Jornalismo, uma jovem de aproximadamente 18 anos caminha com a seguinte placa junto ao peito: “Eu apanho pelos meus direitos e pelos seus.”

Ao passarmos pela TV Gazeta, Janaína pergunta:

– Estão gritando lá dentro?

Creio que seja impressão dela. A aquela altura, já estávamos todos muito impressionados. Um cartaz traduzia exatamente o que a população havia alcançado naquela noite: “Bomba para que? Conseguimos efeito moral pacificamente.”

Em frente ao MASP, o clima era de festa. Os manifestantes soltavam uma fumaça verde e amarela e gritavam euforicamente. Alguns soltavam fogos quando resolvemos sair para comer alguma coisa. Foi aí que descobrimos que atearam fogo em um carro da Record.

– Já tem bastante matéria? – perguntou Janaína olhando para meu bloco de anotações.

Uma camiseta de uma manifestante foi emblemática, a que trazia os seguintes dizeres: “Quem não se movimenta não sente as correntes que o prendem.” (Rosa Luxemburgo) Por falar em camisetas, vale ressaltar que elas também estavam sendo vendidas nos protestos. Enquanto caminhávamos na paulista, avistamos uma mulher de cerca de 30 anos vendendo camisetas com frases de pensadores clássicos. Era o espírito empreendedor do paulista sendo exercitado até mesmo nos movimentos sociais.

Dirigimos-nos a um restaurante, no qual havia uma televisão ligada no Jornal Nacional. Na tela, a prefeitura sendo invadida e o carro da Record sendo incinerado. A imagem nos revoltou porque não mostrou nada do que havíamos vivenciado nas últimas horas. Era o sensacionalismo em sua máxima acepção.

Após o jantar, despedi-me dos paulistas e peguei um taxi de volta para o hotel. Assim que entrei no carro, o taxista já foi afirmando:

– Vamos logo porque eu já quero ir embora daqui. Que medo!

Perguntei do que ele sentia medo, então contou-me que, na noite anterior, dois manifestantes roubaram um taxi.

– Um absurdo, não se faz isso com um trabalhador – afirmou o taxista, indignado.

Assenti com a cabeça e voltei para o hotel sem saber quem eram as pessoas que estavam comigo durante as mais de duas horas de manifestação. A mídia não as mostrou, nem revelou as histórias por trás de seus rostos. As páginas a seguir as inserem no contexto brasileiro e convidam o leitor a saber quem são os anônimos que fizeram parte dessa narrativa.



O náufrago

I. O naufrago

De acordo com um estudo do Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário (IBPT), o Brasil tem a 12ª maior carga tributária do mundo, o que representa mais de 36% do PIB. Os dados da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) mostram que o consumo responde por 30% do total arrecadado no Brasil. Nos Estados Unidos, esse número cai para 10%.

Um carro de luxo que custa R\$ 75.000 na capital paulista, por exemplo, tem uma carga tributária de 42%. Excluindo-se os impostos federais e estaduais, o mesmo veículo custaria R\$ 43.500 reais. Porém, Rodrigo Freitas, apaixonado por videogames, se revolta mesmo quando recebe a notícia de que o Playstation 4 chegará ao Brasil custando nada menos que R\$ 3.999. Feitas as devidas conversões de moeda, o mesmo videogame sai por cerca de R\$ 867 reais nos Estados Unidos, um valor quase cinco vezes inferior.

Aos trinta e dois anos o funcionário público teve o grande sonho de sua vida interrompido devido a uma falsa promessa e a uma calúnia. Um dos responsáveis foi o pai, que mobilizou o filho em um ideal e simplesmente abandonou o barco. E é exatamente esse símbolo que ele usa ao falar sobre o episódio. Com o olhar triste e distante, tal o marinheiro que percorreu muitas milhas atrás de um objetivo e não o

alcançou, ele conta sua trajetória mar adentro.

Nascido em São Caetano do Sul, município que segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) possui o melhor Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), Rodrigo sempre estudou em escolas públicas e apresentava um rendimento mediano:

– Quando eu era pequeno, a preocupação era só passar de ano, então não importava se fosse nota alta ou nota baixa, o importante era passar de ano. Então eu nunca fiquei de recuperação, eu sempre passei direto mas eu passava no limite. Se a nota da escola fosse cinco, eu tirava cinco. Se fosse oito, eu tirava oito.

O ensino médio foi feito em escola técnica na área de Processamento de Dados. No primeiro ano todas as disciplinas foram ministradas normalmente, porém no segundo e terceiro anos, só havia as matérias específicas, matemática e português. Matérias como biologia, química, geografia e história simplesmente não fizeram parte desse estágio estudantil do rapaz que prestaria vestibular.

O resultado foi desastroso: Rodrigo não passaria no certame. Porém, aos dezoito anos se tornaria servidor da Universidade de São Paulo (USP). Concorrendo com cerca de cem candidatos, o rapaz adentrava o serviço público antes mesmo de ingressar na faculdade.

Direcionado para a parte administrativa do Instituto de Química, Rodrigo entrou em contato com a verba FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), onde conheceu estudos de diversas áreas da universidade e teve a oportunidade de entrar em contato com pesquisadores dos mais variados setores acadêmicos, o que o incentivou a fazer cursinho preparatório para o vestibular.

Após três anos no preparatório, surgiu uma oportunidade de ingresso através do Programa Universidade para Todos (ProUni). Criado pelo governo federal em 2004, o programa do Ministério da Educação oferece bolsas de estudos em instituições de educação superior privadas, em cursos de graduação e sequenciais de formação específica a estudantes brasileiros sem diploma de nível superior. Para concorrer a uma bolsa, o estudante deve participar do Exame

Nacional do Ensino Médio (Enem), na edição imediatamente anterior ao processo seletivo do ProUni, e obter a nota mínima nesse exame, estabelecida pelo MEC. Deve, também, ter renda familiar de até três salários mínimos por pessoa.

Atendendo a todos os critérios, o rapaz ganhou uma bolsa integral na Universidade São Judas Tadeu, localizada na Mooca. Na hora de escolher o curso, Rodrigo ficou em dúvida entre medicina, veterinária e biologia. A primeira opção foi descartada porque ele achou que a relação direta com o ser humano seria conflituosa. A segunda foi eliminada porque ele teria dó dos animais que estivessem doentes ou que tivessem que ser sacrificados. Depois de pesquisar um pouco mais, a biologia então se configurou como a escolha ideal.

A reação da família não foi a melhor. A maioria foi absolutamente contra a decisão. O avô foi a pessoas mais direta e foi logo avisando:

– Vai fazer biologia? Mas biologia, isso aí é pra quem tem dinheiro e não precisa trabalhar, só precisa estudar e pode ter dedicação total e você tem que trabalhar, não vai dar certo.

O caso mais engraçado ocorreu com a avó. Quando todos estavam na sala, passou na televisão uma reportagem sobre células tronco e clonagem. O tio de Rodrigo falou:

– Olha aí, esse é o trabalho que o Rodrigo quer fazer.

A avó, com cara de quem não estava entendendo mais nada, perguntou:

– Mas ele não quer fazer biologia?

O rapaz tentou explicar:

– Não vó, a gente trabalha com tudo isso.

Sem amenizar as palavras, ela foi logo confessando:

– Ah! Nossa, eu pensei que você ia pesquisar caçando borboleta.

Os amigos, apesar de não terem o mesmo pensamento da avó, também perguntavam se ele queria ser professor, como se essa fosse a única possibilidade para o graduado na área. Apesar de admirar bastante a docência, Rodrigo afirma que não teria coragem de seguir esse caminho devido ao pouco reconhecimento do governo.

O pai não ficou feliz com a ideia. Sonhava em ter um filho mé-

dico. Quando ele nasceu, escolheu esse nome porque disse que ficaria bonito chama-lo de Doutor Rodrigo. Porém, se essa era a vontade do jovem, que ele seguisse em diante, pois o apoiaria.

Extremamente empenhado durante a graduação, o paulista descobriu na faculdade a paixão pela ciência. O fato de trabalhar na USP facilitou o contato com pesquisadores da área, o que o motivou a desenvolver seu projeto de conclusão de curso com um professor da consagrada instituição. Além disso, surgiu o convite para estagiar no laboratório de biologia como forma de preparação para a pós-graduação. As coisas finalmente começavam a se encaixar na vida do rapaz que já tinha como certa a ideia de seguir carreira na pesquisa.

A primeira decepção surgiu dentro do próprio lar. Como Rodrigo estudava de manhã, trabalhava à tarde na USP e agora tinha que dar conta de um estágio não remunerado no laboratório, a dedicação para a prova da pós-graduação estava sendo prejudicada. Compreendendo a situação, o pai disse que ele poderia pedir demissão do cargo público para correr atrás do sonho, pois ele o auxiliaria nas despesas. Como já havia ajudado o pai diversas vezes financeiramente, ele resolveu aceitar a proposta. Porém, quando tudo estava certo, o pai simplesmente foi embora de casa e o deixou na mão. Agora Rodrigo teria que arcar com todas as despesas familiares. Com os olhos marejados, ele usa a metáfora que explica a situação:

– Eu até faço uma relação como se fosse um barco, né? Eu sempre fui assim, meio louco nessas situações. Tipo assim, eu sozinho, eu me meto em qualquer coisa porque eu sei que se o barco afundar, eu saio nadando, eu sobrevivo numa boa. Mas até então, de repente, não era só mais eu que tava no barco, tinha minha mãe e minha irmã. Então qualquer decisão que eu tomasse, implicaria nas duas também. Então, nesse caso, eu comecei a pensar duas vezes antes de fazer alguma coisa. Já não podia largar o emprego.

Obstinado, ele continuou buscando o ideal, conciliando a vida acadêmica com o funcionalismo público e o estágio não remunerado. Operando no máximo de sua capacidade, ia para o laboratório até aos sábados, em uma rotina complexa e cansativa. Pouco antes da prova,

mais um entrave: ocorreu o furto de um *notebook* no laboratório de biologia e o professor o acusou de ser o responsável.

Segundo ele, todos ficaram a seu favor, exceto o docente. Rodrigo sempre alertava os alunos quanto ao perigo de deixar as coisas expostas, já que o laboratório sempre ficava aberto e qualquer um poderia entrar. Após uma semana do ocorrido, o professor finalmente reconheceu que estava errado e foi pedir desculpas para o rapaz, que entregou as chaves do laboratório e disse que não voltaria mais. Arrependido, o professor pediu para ele ficar, pois aquilo o prejudicaria na seleção da pós-graduação.

Certo de que não havia como prorrogar a situação, Rodrigo disse que seria insustentável trabalhar em um lugar onde as pessoas o apontassem como ladrão, que essa não era a educação que os pais dele o haviam dado. Além disso, na época, a pós-graduação pagava uma bolsa de quase R\$ 1.200, cerca de metade do que ele ganhava. Com esse dinheiro seria inviável sustentar a família. E foi assim que os ideais de Rodrigo naufragaram em um barco chamado realidade.

Mas esse não foi o primeiro sonho fracassado do rapaz. Sempre com um exacerbado senso de alteridade, o paulista queria ser bombeiro na infância. Rodrigo ficava fascinado ao ver os profissionais de combate ao fogo no meio das tragédias salvando vidas. Aos catorze anos, resolveu pesquisar sobre os critérios de seleção, que incluem acuidade visual. Míope, ele desistiu da carreira.

Uma pessoa míope consegue ver objetos próximos com nitidez, mas os distantes são visualizados como se estivessem embaçados. O distúrbio visual ocorre quando o comprimento físico do olho é maior do que o comprimento óptico. Isso faz com que seja mais difícil para os olhos focar a luz diretamente na retina. O escritor português José Saramago é um míope clássico. A inspiração para o título do seu livro “O Evangelho segundo Jesus Cristo” surgiu de uma manchete de jornal que ele leu errado ao passar sem óculos por uma banca. Pelé quase foi cortado pelo técnico João Saldanha antes da Copa de 70 devido ao fato de ser míope. Porém, mesmo tendo o distúrbio, marcou mais de 1.200 gols sem óculos. A rigidez do Corpo de Bombeiros não permitiu que o mesmo

acontecesse com Rodrigo, que acabou seguindo outros caminhos.

Com a paciência atípica de um morador de megalópole, pergunto qual é o sonho do rapaz de um metro e oitenta e um centímetros, que, reflexivo, responde:

– Meu sonho? Nossa já tive muitos. Ah, não sei, ultimamente eu ando refletindo muito sobre isso, sobre o que realmente eu quero. É que assim, desde pequeno você tem várias ideias, né? As coisas vão mudando, vão surgindo coisas diferentes, vão aparecendo situações que te forcem a seguir outras coisas e desistir de alguns sonhos. O meu sonho agora, eu acho que seria encontrar a felicidade, sabe? Ser feliz de verdade mesmo. Não se estressar tanto com o trabalho, não ficar se preocupando com coisa pequena, apenas se preocupar com coisa que realmente vale a pena e curtir a vida.

Rodrigo continua prestando concursos e visa principalmente aos de cidades interioranas. O objetivo é ter um nível de vida mais tranquilo, poder acordar mais tarde e morar próximo ao trabalho. Porém, se fosse para escolher, moraria no exterior porque considera a carga tributária brasileira abusiva. Apaixonado por carro, ele diz, revoltado:

– Eu vejo aqui no Brasil você paga R\$ 30.000 num carro básico. Com esses R\$ 30.000 você compra um Camaro lá nos Estados Unidos, porque um Camaro custa 15 mil dólares e aqui ele custa R\$ 150.000. Então é um absurdo, poxa, o imposto que o governo arrecada.

A carga tributária consome uma média de 40% da renda do brasileiro. Segundo essa projeção, é como se você trabalhasse até o dia 28 de maio deste ano exclusivamente para entregar o dinheiro ao governo. De acordo com os dados divulgados pela Receita Federal, em 2012 a arrecadação de impostos e contribuições federais somou 1,029 trilhão de reais em termos nominais.

Evidencia-se que é no consumo que os impostos incidem mais nitidamente, o que faz com que se gere uma situação de maior desigualdade, pois a população de menor poder aquisitivo é penalizada ao não conseguir o acesso a bens devido aos altos valores gerados pelas taxas. Quem acaba pagando a conta é o consumidor final. Isso gera o chamado Custo Brasil, conjunto de dificuldades estruturais, burocráticas

e econômicas que encarecem o investimento no Brasil e reflete em improdutividade e incompetitividade.

Em países europeus, tais como Alemanha, a carga tributária está estruturada principalmente sobre a renda e propriedade, o que faz com que o sistema seja mais progressivo e com que haja uma possibilidade de redistribuição. Cobra-se mais de quem de fato o tem.

Revoltado com o sistema tributário do Brasil, ele também revela aspectos de sua vida sentimental. Estava com o pé no altar, mas dissolveu o noivado em abril desse ano. Apesar de já ter gostado muito de festas, hoje ele é mais caseiro. Confessa que a vida de solteiro em São Paulo traz infinitas possibilidades, pois o ritmo da cidade faz com que sempre haja novidades, mas sobre relacionamentos também é incisivo:

– Existe muita individualidade. Os relacionamentos são muito superficiais, eu vejo hoje em dia.

Quando o assunto é funcionalismo público, ele diz que não é satisfeito com a profissão na qual já atua há dez anos. Indigna-se com o fato de ver pessoas que estão há vinte, trinta anos na instituição estagnadas por não haver um plano de carreira e polemiza:

– Funcionário público eu concordo com a visão que a maioria tem de que é um péssimo atendimento e o pessoal é muito mal treinado. Isso realmente existe, mas boa parte disso é culpa do próprio governo, do mecanismo interno, porque não tem carreira. Se tivesse carreira, você corria atrás. Por exemplo, eu fiz faculdade e não mudou em nada. Poderia ser aproveitado e não é, não teve retorno nenhum. Então se eu não tivesse feito faculdade nenhuma, estaria talvez na mesma situação que eu tô agora.

Confessadamente um eterno insatisfeito, Rodrigo diz que seu objetivo é sempre se superar. Competidor em todas as situações, ele percebeu essa característica de sua personalidade no karatê, luta marcial que começou a praticar há cerca de cinco anos. Atualmente ele está na faixa marrom, mas lembra-se que desde o começo se esforçava para ser melhor que o faixa preta.

Sobre a mídia, ele usa uma metáfora para traduzir aquilo que pensa sobre a manipulação:

– Na verdade, nós somos quase que um monte de gado, o rebanho seguindo a ordem do governo, então, a mídia é a grande ferramenta, né? Vamos dizer assim, digamos que a mídia é o berrante, o que deixa o gado em ordem.

Admirador do filme *V de Vingança*, ele afirma que se surpreendeu com as manifestações brasileiras, pois acreditava que a população permaneceria debatendo somente em barzinhos o assunto corrupção. Apesar de não utilizar o transporte público, ele foi gritar por um país melhor e afirma que sempre vai a protestos que defendam causas nas quais ele acredita.

Ao perguntar qual foi o maior sofrimento da vida dele, mais uma vez a tristeza no olhar:

– É que eu sofro calado, eu fico quieto. É que tem umas coisas que acontecem assim e a gente simplesmente reclama um pouco e tudo, mas o que o pessoal vê em mim é que o pessoal fala assim: é que às vezes eu sou muito centrado, eu não consigo falar muito as coisas. O pessoal me conhece, é muito a ponta do *iceberg*. São raras, muito poucas as pessoas que me conhecem realmente o meu modo de pensar e meu modo de ser.

No mistério das palavras do navegador, a timidez de quem sofre silente toca o barco mar adentro. Já dizia o poeta, navegar é preciso, viver não é.



Prazer, correria

II. Prazer, correria

No ano de 2006 foi promulgada a Lei nº 11.340, popularmente conhecida no país como Lei Maria da Penha. Criada para coibir a violência doméstica e internacionalmente reconhecida como um instrumento legal eficaz, ela estabelece penas de três meses a três anos de prisão para agressores dessa natureza. Além disso, agiliza os processos criando varas especializadas e prevê que o Estado mantenha uma rede de proteção à mulher.

Porém, em 1992 essa era uma realidade muito distante e denunciar ou separar-se do cônjuge requeria mais do que coragem, exigia, sobretudo autonomia. Com o filho Tiago Constantino de seis anos pra criar e um recém-nascido nos braços, uma mulher foi capaz de colocar o marido para correr. Contudo, a decisão não era das mais fáceis, afinal ela não tinha estudos e trabalhava como manicure e cabeleireira. Além disso, não possuía uma moradia própria, pois se casou aos dezesseis anos, engravidou aos dezoito e foi morar com a família no fundo da casa de seus pais.

Foi nesse cenário em São Bernardo que Tiago iniciou sua infância, assistindo o pai chegar da rua, completamente alcoolizado. O mecânico da Scania quebrava os objetos da casa e em seguida agredia fisicamente

a esposa na frente dos filhos. Hoje, aos vinte e sete anos, o rapaz diz que ainda se recorda nitidamente de cada cena presenciada.

Dados do Ministério da Saúde apontam que a cada 2 minutos, cinco mulheres são espancadas e a cada 2 horas uma mulher é assassinada no Brasil. Esses números colocam o país em 12º no ranking mundial de homicídios de mulheres vitimadas por parentes, maridos, namorados, ex-companheiros ou homens que foram rejeitados por elas.

Já o levantamento da Organização das Nações Unidas (ONU) divulgado em 2011, o percentual de mulheres que são agredidas física ou sexualmente pelo parceiro varia entre 5% (Geórgia) e 70,9% (Etiópia). Com o índice de 34% o Brasil ocupa um lugar de destaque na pesquisa

Em pequenas quantidades, o álcool na corrente sanguínea pode trazer somente uma leve sensação de euforia, o aumento da autoconfiança, o indivíduo torna-se mais falante e desinibido. Quando a concentração da substância chega a 0.09 - 0.25 por cada 100 ml de sangue chega-se à fase da excitação. Nesse estágio, se iniciam os sintomas mais graves, tais como instabilidade, prejuízo do julgamento e da crítica, diminuição da acuidade visual e visão periférica, incoordenação sensitivo-motora, prejuízo do equilíbrio e sonolência.

Segundo o último levantamento do Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas do Ministério da Justiça, o álcool é a droga mais popular entre os brasileiros. 74,6% dos entrevistados já fizeram uso dessa substância psicotrópica pelo menos uma vez na vida. Aferiu-se que a idade média do início do consumo de álcool do brasileiro é de 16,2 anos e que 66% da população brasileira adolescente nunca consumiu bebida alcoólica menos de uma vez no ano

No ano da pesquisa, 40% dos homens brasileiros adultos haviam consumido bebidas alcoólicas em excesso pelo menos uma vez nos últimos doze meses. Além disso, estimava-se que 6.683 pessoas tiveram suas mortes associadas ao consumo de drogas. Desse universo, 6.109 relacionadas ao álcool, ou seja, mais de 91% das tragédias.

Temendo que alguma dessas fatalidades ocorresse, a mãe de Tiago resolveu conversar com os avós quando o irmão de dele completou um mês. O pai, ao saber que a filha estava sendo agredida

ficou completamente abismado e disse para expulsá-lo de casa, pois eles a ajudariam a criar os meninos.

Apesar de considerá-lo um pai ausente, Tiago diz que compreende os motivos pelos quais ele não ia visitá-lo. Por ter se entregue completamente ao vício da bebida, ele não tinha dinheiro para pagar a pensão alimentícia e não queria passar pela humilhação de ver a mãe dos meninos cobrando isso:

– Então, ele queria ver a gente, mas ele teria que passar por uma situação complicada, ele ia ter que chegar lá e ela ia jogar na cara dele que ele não pagava as pensões e que pra ele poder ver a gente... Então, quer dizer, ele se afastou. – diz o rapaz cabisbaixo.

Os avós, falecidos há cerca de seis anos, foram os exemplos máximos de caráter para Tiago. Segundo ele, eram de uma sabedoria imensa, uma simplicidade inequívoca e uma visão única. Às vezes discordavam de algum ponto de vista dele e não falavam, simplesmente deixavam o tempo mostrar que ele estava errado.

Criado em uma família com mais de cem pessoas ele conviveu com primos cuja diferença de idade era mínima. Quando os avós ainda eram vivos, todos eram bastante unidos, de forma que chegavam até a fazer contribuições coletivas pra comprar presentes de natal para os que não tivessem condições. Os avós que ficaram casados por mais de cinquenta e cinco anos eram o sustentáculo da união familiar, tanto que o falecimento deles significou o fim do vínculo entre os tios.

No lado profissional, o exemplo de vida é a mãe, que recebeu uma oportunidade e trabalha como vendedora de aço há mais de vinte anos. Sem estudos ela já comprou dois apartamentos e tem carro próprio. Para o filho, sua maior qualidade é a humildade. Ele se orgulha de ter uma mãe que nunca ficou cuidando da vida alheia ou desejando as coisas que outras pessoas conseguiram. Ela simplesmente ia atrás do objetivo e conseguia e foi exatamente isso que ela ensinou ao filho: “se você quiser você tem que enfiar as caras e ir.”

Avesso aos estudos, mas extremamente focado no trabalho, Tiago segue os mesmos passos da mãe. Diz que se arrepende de não ter dado o devido valor aos estudos na infância, mas que independente disso

sempre soube se virar muito bem. Aluno mediano, concluiu o ensino médio e fez apenas um semestre de faculdade. A rotina exaustiva de trabalho não pôde ser conciliada com os estudos em Gestão Empresarial na Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS).

Agitado desde a infância, o jovem diz que odeia rotina e que exatamente por isso é fascinado pela área de logística. Apesar de sempre ter trabalhado em escritório, acabava se envolvendo na parte de material ou entrega porque nelas ele tinha que ir buscar o serviço, estando em constante movimento. Ele afirma que não consegue ficar parado e exatamente por isso é fascinado com a atividade que executa atualmente, pois desde a hora em que pisa na empresa até a hora do fechamento, a demanda por seus serviços é gigantesca.

Além disso, se orgulha de nunca ter precisado de diploma pra conseguir um bom emprego:

– Eu me doo bastante assim, vivo aquilo mesmo assim que tá acontecendo, sabe? E eu acho que é por isso que sempre deu certo, nunca precisei de faculdade pra conseguir um emprego bom, assim, entendeu? Eu sempre fui pra me destacar, sabe? Eu agarrava as oportunidades e ia, sabe? Eu sei qual é a minha missão, aonde eu posso chegar. Eu só precisava da oportunidade de tá lá dentro.

Porém hoje Tiago trabalha na área de PCP (programação, controle e produção) de uma empresa que vende bobinas de aço para montadoras e, apesar de ter subido muito rápido na carreira em um ano e meio de casa, percebe que é necessário aprofundar-se na área. Enquanto ele mexe no celular, vigia a filha pela janela e dá entrevista, afirma que fará uma faculdade no SENAI no ano que vem, pois diz que não tem paciência pra perder tempo com a teoria dos cursos de graduação tradicionais. O ritmo dele é outro.

O sonho do programador é ter uma vida confortável, não de luxo, mas pelo menos com o mínimo. Como ele gosta muito de fazer churrasco, um de seus desejos é ter uma casa com uma churrasqueira. Humilde, ele diz que abre mão da piscina tranquilamente. Para ele, o importante é poder ir trabalhar, voltar à casa e ficar junto dos filhos, da esposa e dos amigos. E quando ele fala em filhos é porque deseja

ter mais alguns com Janaína. A quantidade ainda não está definida. Além disso, também gostaria de ter uma aposentadoria tranquila para ficar bem, poder viajar e curtir a vida.

Ele afirma que ir às manifestações foi uma forma de juntar-se à multidão que via nas telas dos jornais para reivindicar um país melhor. Revoltado com o governo, com a mídia e o transporte público da capital paulista, ele explica suas motivações para participar:

– Não tinha mais condições e a gente não estava mais aguentando e falou: meu, já que tá todo mundo, vamos ser mais um lá no meio e vamos colocar a cara pra ver se para, né? Mas foi mais por isso mesmo, pra gente conseguir mudar alguma coisa. Achei interessante, a mídia colocava que iam quebrar tudo e não vi nada disso. Claro que tem gente que foi pra fazer isso, mas a maioria não foi. Então assim, muita coisa que você vê pelo que a mídia passa, mas você estando lá é diferente. E só estando lá pra você ver realmente como funciona.

Se pudesse ir embora da grande São Paulo, diz que gostaria de morar em qualquer cidade do interior do estado. O primeiro exemplo que lhe vem à cabeça é Sorocaba. Para ele, a grande vantagem seria não ter que acordar tão cedo pra ir trabalhar e ter uma vida muito mais tranquila. Porém, o leitor que analisar atentamente o perfil dele vai duvidar se ele consegue ter uma vida pacata, afinal seu sobrenome é correria.



A noiva do ABC

III. A noiva do ABC

Estamos na era do descartável: copos, pratos, roupas, bolsas, relacionamentos. A era da industrialização e a explosão demográfica, juntos ao fenômeno da globalização trouxeram inúmeras possibilidades. O mundo nunca esteve tão acessível ao toque humano.

Se na época de Ford você poderia escolher qualquer cor do modelo T, desde que preto, hoje a FIAT é capaz de lançar o Fiat Mio, o primeiro carro colaborativo do mundo. Milhares de internautas enviaram sugestões para montar um carro ideal, lançado no salão do automóvel diante da mídia veloz. É a tecnologia a serviço do desejo humano.

Nunca se escolheu tanto dentre tantas possibilidades. Somos bombardeados diariamente pelos diversos signos que nos rodeiam e a optar entre os diversos produtos que as propagandas oferecem desde a televisão até os *bussdoors* que aparecem em nossa frente enquanto dirigimos. É a era do consumo desenfreado, da comida congelada e dos relacionamentos frios.

Há mais de 30 anos homens e mulheres ganharam o direito de casar mais de uma vez. Oficializada em julho de 1977, a Lei do Divórcio configurou um divisor de águas na sociedade, pois permitiu a dissolução do matrimônio.

Em 13 de julho de 2010, mais uma conquista da sociedade veloz: foi promulgada a Nova Lei do Divórcio, que acaba com a separação judicial e torna o divórcio imediato. Tal medida extinguiu os prazos que eram obrigatórios e, a partir de então, o divórcio pode ser postulado em juízo, ou ainda extrajudicialmente através dos cartórios.

Processos que demoravam anos devido à falta de celeridade do judiciário agora podem ser resolvidos com uma carimbada no cartório mais próximo. É a separação *drive thru*, acessível a quem não tem filhos.

O impacto nas estatísticas foi imediato. Em relação ao ano anterior, 2011 apresentou uma alta de 45,6% no número de divórcios. Segundo os dados do Registro Civil divulgados pelo IBGE, essa taxa geral de divórcios atingiu seu maior valor na série histórica desde 1984.

Para muitos, o início de uma nova história. Para outros, um fato que afeta toda uma família. É no segundo caso que Janaína Alves se encaixa. Aos vinte e seis anos a administradora que jamais pisou no altar carrega o peso de uma separação. O responsável é o pai, que abandonou o lar há seis anos. Na época, a jovem cursava administração na Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) e pagava parte da faculdade com o pouco que ganhava no estágio. O restante era completado pelo pai que se comprometeu a ajudá-la até a conclusão do curso. Porém, devido a uma série de conflitos religiosos com a mãe de Janaína, o espírita simplesmente resolveu ir embora e deixar a filha na mão. A mãe, que era costureira e só tinha a quarta série, havia largado tudo para casar com o caldeireiro e cuidar dos filhos agora estava completamente desamparada.

A história de amor de seus pais havia começado quando a mãe, paranaense, foi para São Paulo ajudar sua irmã a cuidar dos filhos. Na época, o pai de Janaína saía da Paraíba para morar com a mãe na capital paulista. Ambos foram morar no mesmo bairro e acabaram se conhecendo. Da coincidência nasceram dois filhos.

Fascinada pela matemática desde cedo, Janaína cursou o ensino médio na Escola Municipal Alcina Dantas Feijão. Durante o período, concluiu o estudo técnico nas áreas de Contabilidade e Secretariado.

Tais escolhas ajudaram na hora de marcar a opção de curso no vestibular. Nascida em São Bernardo, a jovem de um metro e sessenta e três centímetros hoje é bacharela em Administração Financeira pela USCS e administra sozinha o escritório de uma construtora.

Porém, até chegar a esse estágio Janaína passou por grandes dificuldades. Na época da separação dos pais, ela, a mãe e o irmão ficaram sozinhos, morando de aluguel na casa do tio de Janaína. A costureira voltou a trabalhar e Janaína caiu no mercado de trabalho em busca de oportunidades. O irmão que já tinha um emprego ajudava como podia.

A vida da administradora mudou completamente no começo do ano de 2010. Nas festas de réveillon, ela combinou de encontrar com uma amiga de sala na Praia Grande. Janaína foi com a família e ficou na casa do tio. Quando encontrou a amiga no meio da cidade, viu que ela estava com dois rapazes. Um deles era familiar, pois também estudava com elas e era apaixonado pela amiga de Janaína. O outro era Tiago Constantino, estudante de Gestão Empresarial. Percebendo o clima entre os dois, Janaína e Tiago resolveram fazer uma brincadeira para aproximá-los.

– Se a gente der um selinho, vocês também dão?

A amiga de Janaína não topou, mas podemos dizer que a brincadeira foi deveras eficaz. Tiago e Janaína acabaram se envolvendo em namoro que já dura quatro anos e que recentemente se transformou em noivado. No fim do ano que vem o casal recebe seu apartamento e planeja casar na praia ou no campo em 2015. A ideia é decora-lo da mesma forma que conseguiram compra-lo: com paciência e esmero.

Extremamente apaixonada, ela olha para Tiago e diz que depois que os dois começaram a namorar, tudo começou a dar certo em sua vida. Foi ele quem deu as instruções para que a mãe de Janaína se inscrevesse no programa Minha Casa, Minha Vida.

– Minha mãe, o sonho dela era ter um imóvel próprio. Pra gente era uma realidade muito distante. Aí ele contou como a mãe dele fez, e a gente viu, e foi correr atrás e acabou que deu. A gente comprou apartamento aqui, nesse condomínio e acabou dando tudo certo. A

minha mãe tá super feliz. Aí eu falo pra ele, depois que a gente ficou junto as coisas foram fluindo, eu acho que foi melhorando. – afirma a administradora, emocionada.

A correria do dia-a-dia às vezes sufoca Janaína, que diz que se pudesse voltar atrás no tempo, não moraria em São Paulo. Porém, completamente adaptada ao ritmo da megalópole, ela afirma que não a trocaria por nenhum outro lugar, pois já está acostumada.

No que diz respeito à política, Janaína acredita que é algo que não tem como ser mudado. A pessoa pode até chegar com boas intenções, mas acaba sendo corrompida pelo sistema. Ela afirma que esse posicionamento se deve ao fato de que sempre ouviu seus familiares falando mal de políticos. A administradora acredita que isso tem desestimulado os brasileiros na hora de votar e que isso justifica a eleição de candidatos como Tiririca. Ela se sente tão desanimada que nas últimas eleições nem tem pesquisado a respeito do tema. Na mesma medida, enxerga a mídia, que considera extremamente manipuladora.

Na infância, Janaína foi obrigada a frequentar a igreja católica. Cumpriu todo o protocolo: batizado, catecismo e crisma. Tudo por pressão. A mãe virou evangélica e ela deixou de frequentar o catolicismo. Hoje ela vai à igreja quando quer e sente ódio quando se lembra da época em que era coagida a manifestar fé.

Também na infância, a jovem sonhava ser atriz ou modelo. Hoje, quando se trata de sonhos, Janaína é uma pessoa sem grandes ambições. Sonha com o básico, construir uma família, poder dar um futuro para os filhos e ajudar sua mãe.

Usuária do transporte público de São Paulo, ela explica o que a influenciou a ir às ruas manifestar junto à multidão:

– Eu tava revoltada. Porque assim, eu pego ônibus e metrô todo dia. Você vai esmagado, né? Nossa! Tem duzentas pessoas, não tem condições. Eu acordei tão revoltada, que falei: não, hoje eu vou pra manifestação. Eu preciso ir, sabe? Eu preciso lutar porque é uma coisa que eu tô vendo e realmente não faz sentido aumentar o valor e não aumentar a qualidade, entendeu?

Pessoa simples que é, tem *hobbies* bem peculiares: gosta de ir a

barzinhos e fazer churrascos com os amigos. Porém, há algum tempo tem evitado as saídas, afinal é preciso economizar. Como avisa o ditado: “Quem casa, quer casa.”

BRAS

PARTE II

CAPITAL EM CHAMAS

SÍLIA

Capital em chamas

Quando o dia amanhece no dia 20 de junho de 2013, Laura Régia Rodrigues de 42 anos sai de Luziânia com seus quatro filhos. Dentro do ônibus desconfortável, eles percorrem cerca de cinquenta e oito quilômetros em direção à Brasília. Ao descer, eles compram dez caixas de jujubas e se preparam para enfrentar o sol escaldante da capital federal.

Posicionados em frente ao semáforo próximo à Galeria dos Estados, a mãe e as crianças vendem dois pacotes da bala a R\$ 1. Anexado ao pacote, um papel com os seguintes dizeres: “Colabore com este trabalhador. É tão importante ajudar o próximo. Tudo posso naquele que me fortalece.”

Na pista, uma série de executivos dos bancos chega para mais um dia de trabalho em seus carros luxuosos. A posição do banco do motorista e a quantidade de compromissos que cada um tem em mente faz com que a maioria não perceba a quantidade de machucados nos pés dos meninos que correm de chinelos pela pista.

Quando o sinal fica vermelho, é a hora de a família Rodrigues entrar em ação. Eric, de 15 anos, e seus irmãos saem andando entre os carros para colocar os pacotes nos retrovisores. Tudo tem que ser devidamente cronometrado para que as jujubas e o dinheiro sejam recolhi-

dos antes que o verde tome conta da pista. Alguns motoristas sequer se dão ao trabalho de olhar para o lado. Por detrás do vidro fechado, está uma criança que tem como único sonho estudar para ganhar dinheiro e ajudar a mãe que já vendeu ferro, catou papelão e lavou roupa para sustentar os filhos.

Enquanto isso em São Paulo, eu começo a arrumar as malas no bairro Jardins para me despedir da cidade. Bloco de anotações em mãos, é hora de aproveitar o restante do dia para levantar mais algumas informações antes de partir.

São quase oito da manhã na Asa Sul. Um Honda Civic cinza passa pela cancela do IMP Concursos e estaciona na vaga destinada aos professores. Do imponente carro, desce Aline Rizzi, um dos grandes nomes da Gramática em cursinhos de Brasília. Com o carisma de sempre, ela chega com vários cartazes no carro, animada para a manifestação que ocorrerá ao fim da tarde. Eles foram confeccionados pela família na noite seguinte, em um amplo debate político. Uma funcionária entrega mais um para a professora e pede para que ela o abra em protesto contra a PEC 37. Aline assente e vai para a sala de aula. Ao subir no tablado diante de dezenas de concurseiros, ela deseja bom dia e inicia mais uma aula de concordância nominal.

Enquanto os alunos quebram a cabeça para entender a matéria que estudam desde o ensino fundamental, o dia segue no setor bancário. Ao meio dia, mulheres de tailleur e homens de terno e começam a descer dos diversos prédios ao redor. Uma imensa fila é formada para sair dos estacionamentos. Para uns, o fim do expediente. Para outros, a metade do desafio cumprido.

A cerca de 16 km dali, no Jardim Botânico, Luísa Montenegro sai de seu apartamento com o namorado Alexandre. Quando eles entram no carro, uma adolescente que aparenta ter uns dezesseis anos desce em direção à rua distraidamente, ouvindo uma canção em seu iPod. Como é de costume no condomínio fechado, eles param e perguntam:

– Oi, você quer uma carona até a parada de ônibus?

Tirando os fones de ouvido super feliz, a menina responde de prontidão:

– Ai, eu quero.

Ao entrar no carro, ela já vai logo perguntando para o casal:

– Vocês vão para a manifestação?

Luísa se surpreende com a pergunta e com a forma que as pessoas estão se mobilizando. Naquele momento lhe vem à mente que perguntar se alguém vai à manifestação é algo tão rotineiro quanto indagar se um colega de classe vai à aula. Após a breve reflexão, ela responde:

– Vamos sim. Mas toma cuidado, viu? Você já foi?

– Não, é a minha primeira. – a menina responde como uma mulher prestes a ser desvirginada.

– Então toma bastante cuidado e não fique sozinha em momento algum. – alertou Luísa.

– Não, eu vou encontrar uns amigos.

Agradecendo as dicas e a carona, a menina desce do carro e o casal continua o percurso até a QL 14 do Lago Sul. Como de costume, eles almoçam na casa da avó de Luísa, lugar onde ela foi criada desde a infância.

Do outro lado da cidade, Pedro Correia veste uma calça jeans escura com um cinto preto e uma camisa social clara. O cabelo é penteado para o lado esquerdo. Tudo pronto. É hora de correr para mais um expediente na TV Brasília.

No Lago, Luísa se despede da avó e volta para casa. Ao chegar ao condomínio, o namorado a deixa na porta de casa e sai para estudar para concurso. Luísa então começa a se preparar para a guerra. É assim que ela enxerga o processo que começa desde o banho. Antenada nas reportagens, ela segue passo a passo um manual de sobrevivência às manifestações.

Na hora de lavar os cabelos, nada de condicionador. Luísa recorda o aviso do guia: se usa-lo, no caso de bomba de gás ela se fixará mais no cabelo. O xampu e o sabonete tinham de ser neutros e passar cremes estava expressamente proibido. Essa era a parte mais difícil. Luísa, viciada em hidratante, olha para sua pele seca e pensa que aquilo realmente era a guerra.

Na hora de se vestir, um item que não está muito presente nos

looks da estudante: calça jeans. O desafio é encontrar a ideal em meio a uma quantidade de peças de roupas exorbitante. A moda está presente na vida de Luísa diariamente. A mãe possui dois brechós de luxo no Lago, região nobre de Brasília e um na Vila Planalto. Nas lojas da família, marcas consagradas como Chanel. No quarto de Luísa, duas araras com uma infinidade de cores e modelos. Hoje, porém, nada de sofisticado. Ela veste um sutiã, um top, uma blusinha e uma camiseta. Calça jeans, meia na altura do joelho, tênis. Para finalizar, um moletom amarrado na cintura. Uma infinidade de roupas na intenção de se proteger em caso de ser atingida por uma bala de borracha.

Enquanto isso no Plano Piloto, o jornalista Pedro, que já havia terminado sua primeira pauta do dia chega ao protesto. São cerca de 15h30 quando ele se aproxima da concentração próxima ao Museu Nacional. As pessoas começam a chegar e ele julga o clima relativamente hostil com a imprensa. Após fazer algumas apurações, ele desce o eixo monumental em direção ao gramado do Congresso Nacional, pois algumas pessoas já começam a se assomar no local. Diferentemente dos dias anteriores de manifestação, nos quais ficou próximo aos manifestantes a ponto de inalar gás lacrimogêneo, Pedro hoje vai ficar na parte superior do eixão, no lado direito em relação ao Congresso, próximo aos ministérios e ao policiamento ostensivo. Ana Rios é sua editora no jornal no qual ele aparecerá como repórter, junto à apresentadora Carla Paiva.

No Jardim Botânico, Fátima, irmã de Luísa, chega para busca-la. A dona da casa pega uma mochila e coloca um frasco de vinagre, um pano e óculos de natação. A substância é comumente usada para aliviar os efeitos do gás lacrimogêneo jogado pela polícia.

No caminho elas avistam no carro ao lado uma amiga de Fátima da época do ensino fundamental. A euforia é imensa. Elas abrem a janela, começam a conversar à distância e descobrem que estão indo para o mesmo lugar. Como se estivesse indo para um show, a amiga grita:

– A gente se encontra lá!

Luísa comenta com Fátima que se surpreendeu ao ver a menina, pois ela nunca foi muito engajada politicamente. As irmãs seguem e estacionam no Teatro Nacional. Quando estão saindo do carro,

encontram alguns alunos de Ciências Sociais da Universidade de Brasília (UnB). Depois de algum tempo de conversa, elas atravessam a pista em direção ao Museu Nacional. A intenção é encontrar Rodrigo, um amigo que cursa Direito na UnB com Fátima.

Após um considerável tempo de espera, Luísa conseguiu encontrá-lo. Rodrigo chega um tanto constrangido e diz:

– Ai, gente! Eu tô com um pessoal ali do C.A da UnB. Eles são do PSOL¹, mas eles são gente fina.

As duas dispararam a rir, então Luísa respondeu:

– Rodrigo, relaxa, eu voto no PSOL.

Ele ria enquanto o movimento continuava a ganhar corpo. Militantes do Militantes do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e da UNE (União Nacional dos Estudantes) continuam organizados em frente ao museu. As irmãs haviam combinado de encontrar outros amigos que iriam direto do trabalho em frente às bandeiras do Itamaraty. Elas avisaram a Rodrigo e foram descendo o eixo.

Surpresas com a diversidade de grupos presentes na manifestação, elas alternavam o ritmo dos passos para observar melhor as pessoas. Em certa altura, avistaram quatro meninos de cerca de dezessete ou dezoito anos. Eles caminhavam na frente delas, conversando distraidamente, quando um deles deixou um pincel cair no chão. Luísa abaixou, o pegou e correu até alcançar os meninos e gritou:

– Oi, oi.

Os meninos viraram para entender o que estava acontecendo

– Não, é que você deixou cair seu pincel. – Luísa explicou.

O responsável pelo fato respondeu:

– Ah, não. Eu tava jogando fora mesmo.

Ele simplesmente virou, continuou andando e deixou Luísa atônita com um pincel na mão. Emudecida por alguns instantes, ela não acreditava que uma pessoa como aquela fosse para as ruas lutar por um Brasil melhor e fosse capaz de jogar lixo na rua. Recuperando a voz, ela disse para Fátima:

– É tenso.

1 Partido Socialismo e Liberdade

As duas continuam o trajeto com o pincel na mão até encontrar um homem vendendo sorvete que fez o favor de coloca-lo em seu lixo. Luísa começou a lembrar de toda a discussão que teve desde o início das manifestações com pessoas que eram contrárias à presença de pessoas alienadas na rua. Quando as grandes multidões começaram a se manifestar, a frase “O gigante acordou” foi amplamente usada para representar o fenômeno nas redes sociais. A estudante lia muitas pessoas dizendo “volta a dormir, gigante”, em uma crítica a atitudes pontuais. Luísa, completamente contrária a esses posicionamentos e convicta de que a rua é o espaço do povo, diante da atitude do menino do pincel começava a hesitar em suas certezas.

Na Asa Sul, o relógio marca 17h30 e Aline Rizzi encerra a aula de gramática. O esposo havia combinado de ir de ônibus à manifestação direto do trabalho. A professora entra no carro cinza e vai em direção ao local. Estacionando atrás dos ministérios, ela desce a Esplanada a pé. Ela afirma que a alegria toma conta de seu ser:

“É como se estivesse vivendo o sonho de ir para a rua e lavar a alma.”- explica. Várias pessoas descem com suas famílias e Aline encontra com o esposo em frente ao Ministério da Saúde.

Vindo da pista do Ministério da Justiça, ele fala:

– Nossa, mas ali do outro lado o bicho ta pegando.

Acostumada com as brincadeiras dele, ela diz:

– Não, você tá brincando porque aqui ta tudo pacífico.

– Não, Aline, é verdade, do outro lado o bicho já ta pegando. – insiste o marido.

Os dois então foram descendo junto à multidão em direção ao gramado do Congresso Nacional. Aline ficou extasiada com a quantidade de gente e com o momento. Eles se posicionaram bem na parte da frente do gramado, perto de um grupo de homossexuais. O esposo enxerga então o grupo com a bandeira LGBT e pergunta:

– Mas essa bandeira é de qual estado?

– Cala a boca, pelo amor de Deus. – responde Aline, envergonhada.

Tal grupo gritava: Fora Feliciano! As palavras usadas por vários outros manifestantes em todo o Brasil rechaçavam Marco Feliciano,

deputado do Partido Social Cristão (PSC) de São Paulo que, presidindo a Comissão de Direitos Humanos da Câmara, aprovou o projeto de lei conhecido midiaticamente como “cura gay”. De acordo com a proposta, seria suspenso um trecho da resolução do Conselho Federal de Psicologia de 1999 que proibia profissionais da área de colaborar com eventos e serviços que ofereçam tratamento e cura de homossexualidade. O projeto, no entanto, foi arquivado.

Aline percebia que cada grupo isolado começava a gritar por suas demandas e que tais gritos só ecoavam ou não de acordo com o interesse de cada um. Não havia organização, não havia liderança. Então lhe veio à mente que imperava apenas o desejo de gritar que cada um tinha.

Após uma última sondagem nas ruas de São Paulo, finalmente embarco no avião para voltar para Brasília.

Enquanto isso na capital, Fátima e a irmã continuam descendo em direção ao Itamaraty. Por um instante o medo toma conta de Luísa. O povo começa a gritar:

– Senta, senta, senta.

Geralmente os próprios manifestantes pedem para sentar pra contar o número de pessoas presentes. Porém, ela se lembrou do momento em que isso aconteceu na manifestação de sábado e diz que a polícia saiu batendo em todo mundo. Isso a fez sentir um grande medo ao sentar no asfalto.

Ao lado delas, algumas meninas do movimento LGBT. Luísa pergunta:

– Você está vendo alguma coisa lá na frente?

– Não, eu não to vendo nada. – uma delas responde, apavorada.

Após alguns minutos de pavor, o alívio em saber que era apenas uma contagem. Elas prosseguiram descendo em direção ao Itamaraty. De onde estavam, Luísa observou a configuração do evento e falou:

– Vai dar merda.

No protesto de segunda-feira, a segurança estava bem armada na frente do Itamaraty. Como os policiais estavam um pouco mais atrás do Congresso, os manifestantes subiram na marquise. Hoje, o esquema era diferente. O cordão de policiais tentava impedir o povo de subir na

marquise e desembocava no Itamaraty. Em caso de tumulto, os manifestantes teriam duas opções: ou correriam para o Ministério da Justiça ou para o Palácio do Itamaraty. Na primeira opção, a cavalaria reforçava a segurança, logo Luísa concluía que o fiasco estava anunciado.

Um grupo *Hare Krishna* passa dançando em frente ao Itamaraty e alguns transeuntes tentam imita-los. Na altura da Rodoviária, milhares de pessoas vão somando forças ao local. O gramado do Congresso Nacional já não podia ser visto por quem estivesse de fora. O verde da grama dava lugar às cores da multidão. Um grupo passa com a bandeira gay e algumas pessoas vaia. O palco da democracia é também a arena da discórdia. Militantes de partidos são apupados pelos transeuntes.

Pedro observa a movimentação ao lado dos policiais. De sua vista privilegiada, ele nota que uma parte dos manifestantes resolve subir pela lateral da cúpula do Senado para ocupar o eixo monumental e ir em direção ao Palácio do Planalto. O jornalista lembra-se dos avisos expressos da polícia de que ninguém chegaria perto do local. Alguns manifestantes de lideranças partidárias conversaram com o BOPE tentando acalmar os ânimos. Pedro aproveita para registrar o momento diante das câmeras:

– Na segunda feira, dez mil manifestantes ocuparam esse gramado e prometeram voltar com muito mais gente. Olhando daqui, parece que a promessa foi cumprida.

O cinegrafista então direciona a câmera para o gramado, local onde mais tarde Aline observa um grupo isolado que começa a atacar os policiais. A investida é isolada e poderia ser facilmente reprimida, pensa a professora ao ver uma quantidade de policiais que jamais havia presenciado na vida. Ela pensa que, ao marchar com tanta incisão, a polícia tenta intimidar o povo.

Próximo aos ministérios, o celular de Pedro toca direto da redação:

– Pedro, se posiciona no link. A gente vai fazer o link hoje ao lado da cúpula do Senado. Do eixo monumental pra gente ter aquela visão olhando ali pra baixo, pra poder ficar longe dos manifestantes e perto da polícia. Você vai fazer sem retorno de vídeo porque se botar uma televisão aí vai juntar muita gente.

Nesse momento, o jornalista se recorda de que esse foi o erro da equipe na manifestação de segunda-feira. No dia, enquanto ele montava o link na Alameda dos Estados, avistou uma repórter da Globo fazendo a passagem com quase cem pessoas atrás fazendo gracinhas para a câmera. Na hora que Pedro começou a falar, ele observou de canto de olho que uns dez manifestantes estavam correndo em sua direção. Na cabeça, um texto de cinquenta segundos. Com o microfone na mão, ele começou a acelerar o ritmo da fala, ao mesmo tempo em que mantinha a visão periférica nos que vinham disparados na lateral. Aos trinta segundos, eles já estavam muito próximos e Pedro devolveu a palavra à apresentadora. O mesmo erro não seria cometido hoje.

Enquanto esse pensamento transcorre rapidamente na cabeça do jornalista, as orientações continuam sendo dadas ao telefone:

– Pedro, se prepara porque hoje você entra quatro vezes. São quatro entradas, cada uma com um minuto mais ou menos.

Naquele momento, tudo ficava em segundo plano. Apesar das manifestações despertarem uma série de reflexões em Pedro, não era a história delas que estava vindo a tona com aquela ligação, mas a vida profissional dele. Entrar ao vivo naquele momento era algo extremamente marcante e deveria ser executado com precisão. Era hora de se concentrar ao máximo.

São quase 18h30 e Adriano Teles, capitão da Polícia Militar, se prepara para mais um fim de expediente no quinto batalhão do Lago Sul. Porém, escuta na rádio da polícia que está ocorrendo uma onda de manifestações no eixo monumental. Voluntariamente, ele decide se dirigir ao local.

A paisana, em um veículo velado branco com três policiais, ele consegue furar o bloqueio ao se identificar discretamente. Estaciona próximo ao Palácio do Planalto e se dirige à rampa que dá acesso ao Congresso Nacional. Na condição de agente de inteligência, ele começa a observar a multidão do alto das cúpulas. Lá de cima, ele detecta um grupo tentando invadir a garagem na parte inferior. O policial enxerga alguns colegas de trabalho sendo atacados e jogando bombas em resposta.

Quando o jornalista Pedro vê esse primeiro confronto entre polí-

cia e manifestantes, fala ao cinegrafista:

– Grava aí, velho, porque a gente com certeza vai precisar disso mais tarde.

Do Itamaraty Luísa se assusta com o barulho da explosão e com a quantidade de pessoas que sobem correndo em sua direção. Os amigos que acabaram de chegar fazem um cordão abraçando Fátima e um deles grita para o povo:

– Não coooooooooorreeeeee.

O povo atônito olha pra ele, sem entender nada e ele explica:

– É isso aí, gente, não corre, porque vocês podem ser pisoteados.

Em sinal de apoio, as pessoas que estão por perto começam a gritar:

– Não corre! Não corre!

Acalmados os ânimos, os amigos de Luísa ficaram conversando em frente ao Itamaraty. Apesar da tranquilidade da conversa, a estudante sentia que um clima de guerra pairava no ar. Ouvia-se o barulho de tiros de bala de borracha, mas a manifestação seguia. O grupo de amigos resolve então descer para o gramado.

Adriano começa a andar entre os manifestantes para investigar se há alguém cometendo atos de vandalismo, quando encontra alguns amigos da UnB que perguntam:

– E aê, você tá aqui como policial ou tá manifestando?

Ele responde:

– Eu tô manifestando, é claro.

Nesse momento, ele respira aliviado por não ter sido apontado como agente. Ele filma algumas partes do protesto com seu *smartphone*. Quando os manifestantes começam a gritar contra os mensaleiros, o policial se arrepia. Mais do que um capitão, agora ele é mais um brasileiro cantando por um país mais justo.

O ponteiro do relógio vai se aproximando das 19h quando chego à Brasília. Tatiana, minha amiga de infância, me aguarda no desembarque. Havíamos planejado de ir ao Teatro Nacional para assistir à ópera Carmen. Coloco as malas no carro e já vou logo falando:

– Taty, está tendo manifestação no Plano Piloto?

Ela não pensa duas vezes e retruca:

– Lá vem você com essa história de manifestação de novo. Pode parar com isso. Hoje a gente vai se divertir, esquece um pouco desse livro, pelo amor de Deus.

Assinto com a cabeça e partimos em direção ao eixo monumental. Minha expectativa é a de que se possa observar a movimentação do estacionamento do teatro.

Enquanto isso no Eixo, faltando cinco minutos para o jornal entrar no ar, o confronto pega fogo. Várias bombas são lançadas indiscriminadamente na multidão. Apavorada e sentindo os efeitos do gás, Aline consegue subir com muita dificuldade com o esposo para o Palácio do Itamaraty. Ela nunca se sentiu tão mal na vida. Ainda descendo o gramado, Luísa escuta cinco explosões e pergunta:

– É bomba? É bomba?

Foi nesse momento que Luísa só viu a fumaça tomar conta do ambiente. O desespero foi duplo, afinal a irmã é asmática. Na hora, a estudante lembrou-se que Fátima havia esquecido a bombinha em casa e gritou:

– Pega o pano! Pega o pano!

Com a mochila de prontidão, Luísa pegou o vinagre e jogou no pano para a irmã inalar. Colocando os óculos de natação em Fátima, ela olhou para o círculo de pessoas com pano que se formou ao redor, pedindo ajuda. Segurando o vinagre, ela saiu despejando no pano de cada um, até que começou a sentir os efeitos do gás. Então pensou: Você viaja de avião desde que tem um ano de idade e não aprendeu que em caso de despressurização primeiro você põe em você, depois você põe nos outros?

Ao olhar para o lado, ela percebeu que Fátima estava com muita dificuldade para respirar. Os amigos então colocaram as meninas no meio e fizeram um cordão em volta para sair do local. Enquanto se deslocavam, a estudante viu vários pais correndo com seus filhos, outros com latas de cerveja na mão, uma menina com plataforma de acrílico. Vendo as pessoas desesperadas, Luísa dizia:

– Gente, gente. É mais fácil vocês serem pisoteados. Calma, não corre. A situação de Fátima começou a se agravar e eles não conseguiam

enxergar nada no meio da fumaça branca. Um amigo de Luísa percebe então que Fátima não está mais respirando direito e grita:

– Fátima, é pra respirar através do pano.

Mesmo desesperada, Luísa tenta manter a calma porque sabe que a irmã, mais do que nunca, precisava de um porto-seguro. Então disse:

– Não irmã, tá tudo bem. Tá tudo bem. Só vai abrir caminho aqui e a gente vai sair.

Ao conseguirem alcançar a Alameda dos Estados, Rodrigo, amigo de Luísa, falou pra encostar Fátima contra uma placa que avistou. Apesar de o objeto impedir que parte da fumaça atingisse a jovem, sua situação piorava cada vez mais.

Ao lado do grupo, um menino com o rosto coberto começou a arriar a bandeira de um dos estados. O povo ao redor começou a gritar:

– Queima! Queima! Queima!

Um amigo de Luísa gritou:

– Não queima, não, porra!

O rapaz que arriou a bandeira, então pegou a do Brasil. O amigo de Luísa falou:

– Hasteia a meio mastro!

Ao lado, um senhor de cabelo branco com uma criança nos braços. Assistindo a cena, Luísa falou:

– Que truculência desnecessária!

Pedro começa a gravar, relatando os acontecimentos. Um minuto antes de o jornal começar, o confronto acaba. Ana Rios, a editora-chefe avisa:

– Eu to vendo que tá tudo calmo aí, mas você tem que falar que o pau quebrou aí. Que agora tá calmo, mas que o pau tava quebrando.

Começava então a primeira entrada ao vivo, cuja duração foi de quarenta segundos. Ao fim, uma reportagem começa a ser exibida. Enquanto alguns telespectadores assistem à reportagem em seus lares, a polícia começa a fechar o cordão de isolamento. Subindo do gramado em direção ao Itamaraty, o povo começa a gritar para a polícia:

– Filha da puta! Filha da puta!

No Teatro Nacional, músicos e atores se concentram para a estreia

do espetáculo que reproduz a obra de Bizet. Tatiana não consegue estacionar no espaço destinado aos espectadores, então nos dirigimos à plataforma superior da rodoviária. Ela então ironiza:

– Você tá gostando disso, né? De lá você vai poder ver melhor suas manifestações.

Concordando em absoluto, fico na expectativa de observar alguma coisa ali de cima. Ao descermos do carro, vemos uma quantidade imensa de policiais se dirigindo às manifestações em suas motos. Tatiana se empolga e diz:

– Tira uma foto!

Explico que meu celular está descarregado, então ela mesma registra o momento. Continuamos a caminhar em direção ao teatro e resolvo então perguntar a um transeunte como estão sendo as manifestações:

– Nossa, tá lindo. Tem muita gente. Acabei de sair de lá. Por que você também não vai? – ele responde.

A vontade que tenho é a de sair correndo, mas Tatiana me chama para continuar o trajeto. Acomodadas nas poltronas verdes, assistimos a três horas de espetáculo. Ao final, Carmen entra com a bandeira do Brasil em um nítido sinal de apoio aos protestos. Isso contrasta com o fato do evento ser patrocinado pelo governo e faz o público ir ao delírio.

Na parte posterior do Itamaraty, Aline vê algumas pessoas começando a quebrar e invadir o órgão. Os transeuntes começavam a gritar:

– Leva pra Papuda!

A professora fica encantada ao ver duas meninas de cerca de doze anos falando:

– Não quebra, tem um monte de obra de arte lá dentro.

Luísa assiste a cena e não acredita que nenhum policial esteja tomando providências. Então lhe vem à cabeça a hipótese de que eles realmente queiram que o local seja invadido. Porém, ao perceber que já enxerga o suficiente para ir embora, ela se despede dos amigos e vai caminhando com Fátima. Enquanto sobe o eixo, ela olha para o Itamaraty para ver quanto tempo vai levar até os policiais tomarem alguma providência. Quinze minutos de omissão: essa é a última constatação de Luísa antes de ir embora com a irmã que já não aguenta mais os

efeitos da inalação do gás.

Aline continua olhando para a entrada do Itamaraty e se revolta com a violência do grupo que faz pichações na entrada do órgão e começa a depredá-lo. Os policiais então saem de dentro do local e entram em choque com os vândalos. Alguns arruaceiros começam então a colocar fogo no Itamaraty. Assustada, Aline resolve ir para casa.

Do outro lado do eixo e prestando atenção na multidão, Pedro chama sua editora:

– Ana, o pau tá comendo aqui de novo. Você não quer entrar?

– Vamos entrar, Pedro. Segura aí. Acabou esse VT e a gente vai entrar com você. – ela responde.

Ao fim da reportagem, a apresentadora fala:

– A gente vai voltar aqui agora ao vivo da Esplanada dos Ministérios com Pedro Augusto. Pedro, o que ta acontecendo aí agora?

Narrando os acontecimentos de forma precisa, o repórter se despede e devolve a palavra para a apresentadora com a seguinte frase:

– Eu volto daqui a pouco, Carla, com mais informações.

Surpreendentemente, a âncora ignora o adeus e faz mais uma pergunta ao repórter que se vê pressionado ao vivo pela primeira vez. Respondendo a pergunta, ele devolve a palavra e novamente é sabatinado com mais questionamentos. Nesse momento, Ana Rios fala no ponto eletrônico:

– Pedro, segura. Vai segurando aí. A gente ta buscando informação, qualquer coisa eu te passo. Vai aí com o que você tem de *background*, deixa a imagem rolando e vai comentando e falando o que você apurou antes.

Porém, depois de uma série de perguntas, as informações de Pedro foram acabando. Mas enquanto a apresentadora Carla Paiva elabora a pergunta, a editora dita a resposta no ouvido do jornalista em tópicos. Até que se chega numa situação muito crítica, na qual a apresentadora faz a seguinte pergunta:

– Pedro, a informação que a gente tem é de que o governador Agnelo está agora num evento na Embaixada da Itália e ele estaria saindo de lá, é isso?

Essa resposta não chega no ponto eletrônico e Pedro não tem a menor noção do fato. Em milésimos de segundos entre o desespero e a solução, ele responde:

– Então, mas olha só, esse helicóptero que a gente tá vendo sobrevoando aqui, na verdade é o secretário de segurança, Sandro Avelar, que tá acompanhando tudo. E ontem o governador esteve com os manifestantes no Palácio do Buriti.

Mesmo não respondendo a pergunta, Pedro tinha apurações suficientes para contextualizar a situação. E assim a apresentadora se despede de Pedro. Quando o jornalista está desmontando o *link*, Ana Rios liga:

– Pedro, a Simone conseguiu um espaço aqui na grade. Monta o link de novo que a gente vai entrar daqui a pouco.

Pedro ia interromper o *TV Fama*, entrando ao vivo durante mais vinte minutos. Do outro lado do eixo, Adriano Teles liga para seu superior e avisa que está no local, ele responde:

– Não Teles, talvez você vá ser escalado pra trabalhar outro dia. Você pode ir embora que já tem policial demais aí pra acompanhar essa situação. O agente então deixa o local.

Ao sairmos do teatro, fomos caminhando em direção ao carro. No caminho, avistamos um jovem gritando na parada de ônibus:

– Tocaram fogo no Itamaraty!

Pergunto ao rapaz se aquela informação é verdadeira. Eufórico, ele responde:

– Juro que é verdade. Acabei de vir de lá, foi lindo. O povo tomou o poder.

No Lago Sul, Aline assiste o Jornal Nacional. No enquadramento, a cena que ela presenciou ganha uma nova narração na voz de William Bonner. O jornalista diz que a multidão vibrou quando vândalos atearam fogo ao Itamaraty. Em um acesso de raiva, ela não acredita no que seus sentidos captam da tela catódica. Ela diz que a mídia não a representa, definitivamente. Sendo assim, os capítulos seguintes se propõem a trazer um retrato dos participantes da capital federal.



Vadia, sim senhor!

I. Vadia, sim senhor!

Apesar das inúmeras conquistas das mulheres ao longo dos séculos, tais como o ingresso no mercado de trabalho, a inserção na universidade, o direito ao sufrágio e, mais recentemente, a chegada ao cargo máximo do poder executivo, ainda há uma série de estatísticas que apontam para a necessidade de uma “nova queima de sutiãs” em praça pública.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), cerca de 70% das mulheres sofrem algum tipo de violência no transcorrer de suas vidas. De acordo com os dados do Banco Mundial, mulheres de 15 a 44 anos correm mais risco de sofrer estupro e violência doméstica do que de câncer, acidentes de carro, guerra e malária.

Janaína, 20 anos, contraria esses dados. Em uma tarde de 2012, estava em casa esperando o marido voltar do bar quando foi surpreendida. Sob os efeitos do álcool, Clebson Fernandes adentrou a residência localizada em Águas Lindas e começou a quebrar todos os objetos que ali haviam. Quando ele jogou no chão o *notebook* que Janaína havia economizado durante meses para comprar, ela não pensou duas vezes: enfiou-lhe a faca. Assim, foi o esposo dela quem entrou para as estatísticas dos violentados e não o contrário. A separação foi inevitável, mas

a saudade falou mais alto e Clebson voltou correndo para casa. Hoje, Janaína fala orgulhosa:

– Sou eu que mando naquela casa. E já falei pra não inventar de me trair porque eu meto a faca nele de novo. Ele tá pianinho, faz tudo que eu quero. Eu vou até pra farra sozinha, acredita?

Outras estatísticas são ainda mais alarmantes. Segundo estimativa da Secretaria de Políticas para Mulheres, no Brasil uma mulher é estuprada a cada doze segundos. E é pra mudar esse cenário que foi criada a Marcha das Vadias. Surgido no Canadá em abril de 2011, o movimento mundial pelos direitos das mulheres também conhecido como *Slut Walk* foi organizado depois de um policial canadense ter afirmado que os diversos casos de violência sexual na Universidade de Toronto ocorriam porque as mulheres se vestiam como “vagabundas” - *slut*, em inglês. Desde então, mulheres vestidas de forma provocante protestam em todas as partes do mundo. O movimento é feito por feministas que buscam a igualdade de gênero e uma de suas apoiadoras é Luísa Montenegro, estudante de Comunicação Organizacional na UnB. A luta dela, no entanto, começou muito antes das jovens brasilienses irem para as ruas da cidade de sutiã, calcinha ou até topless.

Nascida no Hospital Santa Lúcia e filha de bancários, Luísa teve que morar com os avós no início da infância. O pai foi transferido para Vitória, então a mãe foi para o Espírito Santo acompanhar o esposo. Os pais só voltaram quando ela completou dois anos e, durante esse ano, ela ficou morando em Vitória, mas voltando frequentemente para ficar com os avós. Quando Luísa fez três anos, os pais decidiram vir morar definitivamente em Brasília, em um apartamento na 303 Sul. Porém, quando ela completou cinco anos, os pais resolveram se separar e venderam o apartamento. Luísa, sua mãe e sua irmã, que na época tinha oito meses, foram para a casa de seus avós maternos no Lago Sul. Sua tia que morava em São Paulo também se divorciou do esposo e foi morar na mesma casa com um filho. Logo depois, a sua avó acabou se separando também de seu avô. Ou seja, ela vivenciou desde cedo a importância da mulher buscar sua autonomia. Como ela mesma afirma, sempre viu mulheres em posições de

protagonismo. Sua mãe e sua tia trabalhavam pra sustentar os filhos, e a avó representava a figura da matriarca.

Luísa afirma ter internalizado isso de tal forma, que aplicou nas próprias brincadeiras infantis. Sorrindo, ela recorda que suas amiguinhas de infância ficavam a incitando a torcer para o time masculino porque haviam meninos bonitinhos. Revoltada, ela dizia que era importante lutar pelas meninas e se algum deles xingasse alguma delas, Luísa estava sempre de prontidão para defendê-las:

– Eu tinha uma consciência de gênero – declara sorrindo.

A cobrança pela liberdade financeira também ressoava em casa, lembra Luísa:

– Era tipo: “Você não pode depender de homem”, sabe? “Você tem que conquistar seu próprio espaço”, isso desde criança eu sempre tive.

A busca pela autonomia foi algo tão trabalhado na mente da jovem, que aos quatro anos ela aprendeu a ler sozinha em casa, muito antes de ir à escola. Havia um gibi da Turma da Mônica que contava a história de um personagem chamado Bugu. Era esse exemplar que Luísa pedia pra sua tia ou qualquer outro morador da casa ler em voz alta. Depois, ela ficava tentando ler sozinha, até que um dia não precisou da ajuda de ninguém. O pai, orgulhoso, a levou em uma livraria e disse para que ela escolhesse qualquer livro.

Ela fecha os olhos e lembra ter corrido direto para a Coleção Vagalume, que ela gostava muito. Diz ter comprado e lido todos. Quando começou a estudar no Marista, pegava as obras e as devorava em poucos dias. Na casa de sua avó há uma biblioteca substancial. Ela recorda que quando acabou a parte infanto-juvenil, partiu para a literatura de adulto:

– Então eu era uma pré-adolescente lendo Machado de Assis – recorda.

Apesar da enorme paixão pela literatura, uma lembrança causa menos suspiros à Luísa. Tragando o cigarro num misto de angústia e desespero, ela confessa que apesar de todo o suporte recebido, houve um toque de solidão em sua infância, pois não tinha criança no bairro onde morava. Ela confessa que tinha inveja das suas amigas que mora-

vam em prédio e podiam brincar com as vizinhas. Como não tinha com quem se divertir, Luísa ficava lendo.

Dentre os livros que havia na Coleção Vagalume, um exemplar jamais saiu da memória de Luísa: o intitulado de Mistérios do Egito. O motivo era dos mais nobres: o sonho dela até os nove anos de idade era ser arqueóloga. Tudo começou porque Luísa acordava cedo e havia um programa na Rede Globo no qual os personagens praticavam a paleontologia, então ela pesquisou e viu que isso poderia ser aliado ao fato de que ela gostava muito de história antiga. Estava tudo decidido, porém, como todos os sonhos, tende a ser menosprezado pelos adultos que nos cercam. Quando ela dizia que pretendia seguir essa carreira, havia dois tipos de reação: a dos que não sabiam do que se tratava e a dos que sempre diziam a mesma coisa:

– Ah, mas você vai ser muito pobre.

Luísa conta que essa reação foi aborrecendo-a profundamente e que certo dia resolveu conversar com seu avô e perguntar qual profissão ela poderia seguir que traria bastante dinheiro. Mas tinha que ter um retorno financeiro bem alto mesmo porque ela estava saturada de escutar as pessoas falando que ela ia ser pobre. O avô recomendou que virasse advogada. Desde então, ela colocou isso em mente.

Por mais que isso pareça uma anedota infantil, teve um grande impacto na vida acadêmica de Luísa, que acabou começando em Ciência Política na UnB e em no Direito Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), paralelamente:

– Quando eu quis repensar isso, que foi na adolescência e no ensino médio, aí não teve abertura na família porque todo mundo já tinha fixado tanto aquela ideia... E eu, a primeira neta, mais velha e tipo, só tirava “notão” na escola, todo mundo dizia: “não, você não vai gastar sua nota do vestibular fazendo uma coisa ‘menor’.” O que é uma besteira, né?

A primeira opção de Luísa acabou sendo por Ciência Política e dois fatos ocorridos na infância apontavam para essa possibilidade. O primeiro ocorreu em 1989 na primeira eleição brasileira desde 1960 em que os cidadãos brasileiros aptos a votar escolheram seu presidente da

república após o Golpe Militar. A disputa se deu principalmente entre Fernando Collor de Mello, Luiz Inácio Lula da Silva e Leonel Brizola. Na época, a estudante tinha apenas cinco anos, mas se lembra de cada detalhe, até de assistir o horário político. Porém, o seu avô acabou com o sonho democrático infantil quando disse que o voto das crianças não valia.

– Falei pro meu vô: é sério que o voto das crianças não vale? Isso é um país que não respeita as crianças! Tipo, eu não entendia. Na minha cabeça, assim, por exemplo, meu pai ia votar e me levava na padaria depois e tinha a urninha na padaria e pra mim, eu tava votando assim, abalei, ia contar, né? Aí minha avó deixou eu votar pra ela. Aí eu entrei com ela. Isso é crime, mas provavelmente já prescreveu. Aí ela deixou eu entrar. Ela ia votar no Collor e eu queria que ela votasse no meu candidato, que era o Brizola. Ela deixou eu entrar com ela dentro da urna e marcar, aí eu já sabia ler e marquei e ela votou no meu candidato.

O segundo aconteceu em setembro de 1992. Luísa tinha sete anos e estudava no colégio Marista quando sua mãe foi busca-la mais cedo e falou para a coordenadora:

– Vai ter esse negócio dos Caras Pintadas aí e assim, eu não quero pegar trânsito, então eu vou tirá-la mais cedo.

– Não, tá certo – assentiu a coordenadora.

Então ambas foram para casa cumprir o ritual do dia: vestir-se de preto e pintar o rosto de verde e amarelo para ir para a rua gritar pelo impeachment de Fernando Collor. Quando estavam prontas, a mãe falou para Luísa:

– Olha, vou te levar pra um momento histórico, você não vai esquecer. Você vai contar pros seus netos.

A estudante fala que embora não pudesse compreender tudo que estivesse acontecendo, pôde sentir-se parte da mudança do país. E isso só foi possível porque seus pais eram engajados no contexto histórico e político da nação. A mãe havia votado no Collor e levou Luísa porque gostaria que a filha participasse.

Hoje, Luísa luta por um lugar no mercado de trabalho. Desde os dezoito anos, ela conhece as nuances dele. Ao atingir a maioridade, ela passou no vestibular da Universidade de Brasília (UnB) para o curso de

Ciência Política e foi convidada para dar aulas de inglês para crianças na Escola das Nações. Desde então, já lecionou a matéria na Wizard e na escola Cantinho Mágico. Paralelamente, cursou um semestre de Direito no UniCEUB. Após quatro semestres, Luísa descobriu que não tinha aptidão para nenhum dos dois e acabou se matriculando em Jornalismo.

Durante o curso, trabalhou em uma televisão como produtora. Apesar de ser estagiária, fazia externa, escrevia um programa político de perguntas, redigia as perguntas, fazia toda a produção, enfim, estava sobrecarregada. Segundo ela, só havia um estagiário de manhã, um a tarde e uma chefe de jornalismo que só aparecia quando queria porque era filha do dono. Depois de algum tempo, Luísa também passou a apresentar um programa ao vivo. O estopim aconteceu quando ela descobriu que a dona da TV queria manipular as informações. Na época, José Roberto Arruda era o governador de Brasília e sua gestão estava se negando a pagar uma verba publicitária para a televisão na qual Luísa trabalhava. Como uma parte da programação deveria ser local, a direção resolveu atacar o governo incisivamente. Discordando da postura, ela pediu demissão.

O fim do amor com o jornalismo também chegou no quarto semestre. Em 2011 resolveu prestar vestibular para a UnB novamente, dessa vez para o curso de Comunicação Organizacional. A explicação é simples: sempre foi mais encantada com a área de assessoria no curso de Jornalismo. Hoje, Luísa cursa o penúltimo semestre e diz que reencontrou seu gosto pelo mundo acadêmico.

Porém, a grande paixão da vida da comunicadora organizacional é a literatura. Tanta dedicação está sendo recompensada: ela venceu recentemente um concurso de contos para integrar a Antologia Fantástica Literatura Queer, voltada para a temática da diversidade sexual. Nesse ano, a Tarja Editorial selecionou sete entre sessenta e um contos para o seu próximo volume azul, dentre eles *Ruínas*, escrito por Luísa.

No entanto, para a escritora, a grande conquista do ano foi estar entre os finalistas do Clarion West, de Seattle. O concurso conta com professores como Chuck Palahniuk, autor de *Clube da Luta*, Neil

Gaiman, que escreveu *Deuses Americanos* e George Martin, autor de *Game of Thrones*. Anualmente selecionam-se pessoas para ficar em uma imersão de seis semanas no estudo da literatura. Eram apenas dezoito vagas e um brasileiro foi escolhido, Fábio Fernandes, professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo:

– Eu o conheci e ele é muito legal, muito gente fina e o bicho super me dá umas dicas, então fiquei de boa. – diz Luísa como consolo.

Apesar de estar inserida hoje na Comunicação, uma ciência que tem como uma de suas atribuições analisar a influência das mídias na sociedade, Luísa confessa que também já foi amplamente sugestionada por elas. Aos doze anos, a comunicóloga roubou um cigarro de sua avó e trancou-se no banheiro. Acendendo aquele objeto que via nos filmes sendo usado pelas atrizes e achava extremamente bonito, ela colocou-o na boca, tentou traga-lo, mas não sabia nem o que essa palavra significava. Então gritou:

– Meu Deus, estou me matando!

De relance atirou o cigarro no ralo e só foi voltar a acender outro aos quatorze anos, na escola. Segundo ela, não houve influência do grupo, mas sim um consenso. Além disso, era tudo muito natural para ela, já que toda sua família fumava. Porém, nessa época, ela só fumava esporadicamente. Aos dezoito anos, passou a fumar diariamente, o que foi interrompido quando completou vinte e quatro e ficou cinco meses sem fumar. Desde então, afirma que só fuma um cigarro à noite, assistindo TV, ou quando sai para beber.

– De dia, porém, é muito raro eu fumar, a não ser que eu esteja nervosa – afirma, fumando o terceiro cigarro, durante entrevista de dia.

Na infância, porém, Luísa aprendeu desde cedo as estratégias utilizadas pelas empresas de comunicação. Ela se recorda de uma vez em que viu uma capa da revista *Veja* com a foto das duas prováveis primeiras-damas: Marisa e Teresa Collor. Na fotografia, a imagem de Marisa não estava harmônica, enquanto Teresa Collor aparecia exuberante. Luísa então perguntou para seu pai se o pessoal da revista não tinha uma foto melhor da esposa de Lula para colocar na capa. O pai explicou que essa era a real intenção, então a menina concluiu que a *Veja* estava ao lado de Collor.

Porém, quando mudamos de assunto, ouço a voz de Luísa perder a força ao contar uma história. Ela aconteceu quando a estudante tinha vinte anos e recebeu uma ligação de Camila, sua amiga de longa data. No telefonema, a jovem chamava Luísa e seu namorado Alexandre para conversar em particular. O casal não poderia imaginar que ela, que também tinha vinte anos na época, anunciaria que faria um aborto. O pai da criança era irresponsável, já tinha uma filha de doze anos no Maranhão e chegava a ficar três meses sem ter contato com a menina. Camila, por sua vez, já tinha uma filha de três anos que morava com seus pais. O avô era drogado e a avó tomava remédio controlado. Além disso, ambos lutavam para pagar um plano de saúde para a criança.

Quando Camila os chamou para conversar, já havia comprado o remédio e decidido onde faria o procedimento, só estava os avisando. Pediu para que eles não tentassem dissuadi-la e expôs a situação. Na época, Luísa era católica e conta:

-Eu lembro que na hora, embora eu fosse contrária ao aborto, eu dei razão pra ela. Foi aí que começou a mudar minha mentalidade de ser a favor ou contra, porque realmente, como é que faz? É fácil falar: não, vai, tem esse menino. E foi super difícil pra ela porque ela era mega católica também. Então foi muito pesado.

Luísa passou por cima de seus princípios para ajudar sua amiga e acompanhou cada etapa de seu sofrimento. Certa tarde, ela recebeu outra ligação de Camila:

– O que vocês tão fazendo?

– Não a gente tava indo almoçar, por quê?

– Não, nada não, então deixa.

Luísa conta que sentiu que estava acontecendo alguma coisa, então insistiu:

– Não, me fala.

– Eu tava indo lá no medico pra ver se vai ter que fazer curetagem, pra ver se saiu tudo.

– Nao, tô indo te buscar aí agora a gente vai juntas!

Enquanto a médica examinava Camila, sua mãe ligou e conversou

com Luísa. Dopada de calmantes e chorando bastante, ela agradeceu por toda ajuda que a amiga estava dando à sua filha:

– E eu vendo que ela tava mal. Ela não queria ter abortado, se ela pudesse, ela tinha tido. Inclusive ela teve outro filho agora. Porque agora ela casou, formou, passou num concurso.

Luísa que abominava o aborto, hoje luta a favor de sua legalização. Segundo dados divulgados pela ONU em 2012, duzentas mil mulheres morrem por ano no Brasil por causa de abortos de risco.

A respeito da conscientização dos brasilienses que estiveram presentes nas manifestações de 2013, Luisa afirma que o ideal seria os movimentos de esquerda dialogar com as pessoas mostrando o que estava errado. Porém, diz que, de qualquer forma, não se pode exigir uma grande conscientização política do cidadão que foi às ruas:

– É o que eu sempre falava na hora: gente, você queria que o quê? Que as pessoas saíssem pra rua e fossem o quê? De repente todo mundo tivesse lido Kant na vida, sacou? Não vai rolar! Não é isso que acontece

Sobre a ausência de lideranças no movimento, a estudante ironiza a postura da polícia e da mídia tradicional ao procurar estabelecer os responsáveis por algo que é coletivo:

–Então uma coisa que você vê sempre é que chega o Black Block e aí o capitão fala: Eu sou o capitão fulano, quem é o líder aqui? *Bitch, please!* Até agora vocês não perceberam que é horizontal, sabe?

Acerca do papel do grupo Black Block, Luisa enxerga legitimidade na causa e defende seu ponto de vista:

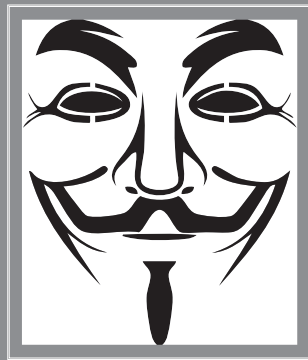
– Na verdade são os tanques, né? Eles tampam, eles seguram pra o pessoal não chegar, pra o pessoal poder correr. No Rio de Janeiro eles pegaram os escudos que eles fazem de madeira e botaram fotos, tipo do Amarildo, das pessoas desaparecidas. Então quando a polícia jogava bomba de gás, por exemplo, jogava na cara do Amarildo. Então olha simbolicamente isso, sabe?

A personalidade de Luísa é forte a ponto de ser percebida de longe nos corredores da UnB. Ela está representada nas roupas e acessórios da jovem, cujo estilo imprime a sua marca. Porém, há algo que a maioria não sabe: ela não tem carteira de motorista. Isso, por si, não é uma

grande revelação. Porém, é o estilo enfático de Luísa que torna o fato excêntrico:

– Falar que eu não dirijo é o mesmo que dizer que sou pedófila. Parece ser um crime não ter carteira hoje em dia. As pessoas fazem uma cara de susto tão grande que eu me sinto como se tivesse confessado que sou pedófila.

O motivo é oftalmológico, mas amplamente questionável em termos filosóficos. Os médicos afirmam que Luísa não possui a visão periférica. Quem leu esse capítulo começa a questionar a ciência.



Capitão Fitness

II. Capitão Fitness

Os índices de obesidade têm subido consideravelmente no Brasil. Segundo o Ministério da Saúde, nos últimos seis anos houve um aumento de 54% na taxa entre os brasileiros. Hoje a doença atinge 17% da população. A má alimentação e o sedentarismo contribuem para que esse quadro se agrave ao longo do tempo.

Atualmente o governo e a sociedade já enxergam a obesidade como um problema a ser combatido, já que ela é uma das causas de doenças crônicas não transmissíveis, como diabetes e doenças cardíacas. Porém, nem sempre foi uma desvantagem estar acima do peso. Na pré-história, ter uma massa corporal avantajada era sinônimo de riqueza e fertilidade. O exemplo máximo é a escultura Vênus de Willendorf, que retrata uma mulher de quadris largos e seios fartos, ícone de beleza e saúde na época.

Os gregos, no entanto, inauguraram uma nova concepção estética, baseada na harmonização dos traços e nos músculos torneados. Davi, de Michelangelo, representa a busca pela beleza apolínea cultuada pelos gregos e serve até hoje de inspiração.

Berço da civilização ocidental, a Grécia foi palco da disputa de dois povos emblemáticos: espartanos e atenienses. Os espartanos

dedicavam-se desde o nascimento à guerra, sendo treinados para serem guerreiros bravios e destemidos. O povo ateniense, por sua vez, era orientado para a política e para a filosofia. Hoje, um jovem chamado Adriano Teles busca sobreviver na capital federal usando as características de ambos os povos. Aos vinte e sete anos, com conhecimentos em três áreas distintas da ciência e apenas 5% de gordura no corpo, ele pode ser facilmente confundido na rua com um micareteiro qualquer.

Graduado em Direito e com especialização em Cidadania e Segurança Pública pela Universidade de Brasília, Adriano é completamente apaixonado pela faculdade e por esportes. Já cursou quatro semestres de Ciência Política na mesma instituição e agora está no sexto semestre de Educação Física.

No ensino médio sonhava ser diplomata do Instituto Rio Branco. A profissão, no entanto, foi escolhida por uma causalidade: o rapaz estava andando nos corredores do Instituto Central de Ciências da UnB quando se deparou com um cartaz no mural convocando para o concurso da Polícia Militar. Na época, ele cursava Ciência Política e estava sem dinheiro. Cansado de depender financeiramente do pai, resolveu inscrever-se no certame. O resultado foi imediato e Adriano entrou para o curso de formação de três anos e dedicação integral.

O pai, militar, não gostou da decisão do rapaz, já que é frustrado com alguns aspectos da carreira dele. Achava melhor que ele prosseguisse com o curso e tentasse outros processos seletivos fora do âmbito militar, mas quando viu que era realmente isso que o rapaz desejava, resolveu apoiá-lo em sua escolha.

Adriano considera o período do curso de formação como sendo o mais difícil de sua carreira. O pai teve que ir para uma missão de paz e levou toda a família para o exterior, deixando-o sozinho no Brasil. Foi a primeira vez que ele teve que resolver tudo por conta própria e assumir responsabilidades, mas o grande desafio foi vencer a timidez e falar em público. O jovem teve que contornar esse aspecto inerente à sua personalidade para comandar os cadetes mais novos na corporação. Na época, um martírio que hoje ele enxerga como crucial para seu amadurecimento pessoal.

Logo após o fim do curso de formação, Teles foi trabalhar em Santa Maria. A escolha se deveu ao fato de que havia morado no Gama, próximo à localidade e já havia estagiado na unidade. Apesar de ser uma das regiões mais violentas de Brasília, ele queria trabalhar na região administrativa. Os momentos de tensão na carreira não poderiam ser diferentes: perseguições, trocas de tiros, mas nenhuma munição o atingiu. Se você perguntar quem o protegeu, a resposta não pode ser Deus, afinal ele é agnóstico. Apesar de já ter sido católico praticante, ter feito primeira comunhão, crisma e até casado na igreja católica, Adriano não segue mais a religião, porém não se considera ateu. A fé na instituição religiosa acabou, assim como o casamento.

Atualmente, o jovem é Capitão no quinto batalhão da Polícia Militar, localizado no Lago Sul, responsável pelo policiamento ostensivo da região e pelo corpo diplomático sediado em Brasília. Apesar de já ser um oficial intermediário e ter a carreira avançando de maneira célere como poucos, ele ainda tem dúvidas sobre o destino.

O objetivo de Adriano ao cursar atualmente Educação Física é o de empreender nessa área, abrir uma academia e trabalhar no ramo. A meta é que isso seja alcançado em cinco ou dez anos, mas enquanto isso, ele segue a carreira militar e diz que o maior desafio será conciliar os dois mundos.

Dentre os motivos que o levam a querer sair da polícia, está a questão legal que permeia a profissão. Ele afirma que os policiais militares ficam muito aquém em questão de direitos se compará-los com a CLT ou com a lei que rege os outros servidores públicos. Ele também diz que o salário não é satisfatório.

Outra demanda forte por parte dos policiais é que a comunidade os veja como agentes em colaboração ao invés de repressão. Para Teles, essa distorção se deve em grande parte ao período ditatorial, que fez com que a palavra militar carregasse um tom opressor. Ele explica que, por mais que a polícia tenha iniciativas, nesse sentido, incentivando a comunidade a participar mais do processo de planejamento e decisão, as pessoas ainda têm um ranço contra a classe.

Outro aspecto que desanima o policial é a conjuntura atual política.

Para ele, a corrupção assolou completamente o país e todos os partidos estão envolvidos. A situação se agrava quando se está tentando manter a ordem social. O jovem diz que as pessoas que deveriam dar o exemplo para o restante da sociedade não dão. Então os policiais que estão na linha de frente tentando fazer com que as leis sejam cumpridas e a ordem social seja mantida, se veem numa situação muito difícil, quando existem até ministros estão envolvidos em casos de corrupção. Isso o desanima.

A política não é algo que foi debatido na casa do capitão desde cedo, porém amadurecido durante o curso de Ciência Política. O pai chegou a fazer a segurança pessoal de um ex-governador da cidade: ninguém mais, ninguém menos que Roriz. É com um pouco de vergonha que Teles conta o fato, afinal o político foi acusado de envolvimento em vários casos de corrupção. Porém, se mencionar o nome Roriz para pessoas de outras regiões administrativas, a reação vai ser diferente, afinal sua política assistencialista beneficiou uma série de cidadãos.

Outrossim o debate que hoje interessa a Adriano consiste nas questões estudantis. Participante ativo no Centro Acadêmico de Educação Física, o estudante tem lutado para conseguir o mesmo direito dos formados pelo currículo antigo, que concedia ao aluno o título de licenciado e bacharel, podendo atuar em escolas e academia.

No que diz respeito às manifestações de 2013 e a imagem que elas transmitiram da conscientização política do brasileiro, ele diz:

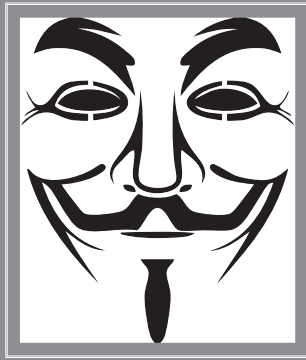
– Então olha só, eu vi muita gente alienada ali porque eu estando no meio deles, algumas coisas eu perguntava, puxava conversa com alguém e perguntava: e essa PEC aí que vocês tão reivindicando, do que se trata mesmo? E a maioria das pessoas nem sabia o conteúdo da PEC. Assim, tava indo porque os amigos estavam indo e tava todo mundo naquela euforia toda, mas a real causa e as possíveis soluções pros problemas que eles tavam apontando, ninguém sabia dar. Então fica difícil, né? Eu vi muito ali uma massa alienada.

Algo que realmente incomodou Adriano foi a cobertura midiática, que segundo ele, usou os policiais como bode expiatório:

– Eles colocaram a gente completamente como carrascos, né?

Como opositores a essas manifestações e de fato não era nossa intenção. A maioria dos policiais que ali estava era de acordo, inclusive se estivesse de folga, estaria presente, manifestando também. Mas a gente tem que ter o nosso dever legal que é o de preservar as instituições, preservar a ordem pública e a maioria das pessoas não entendem, então a pessoa vai pra manifestação pra combater a PEC, pra voto aberto nas sessões do Congresso e aí chegava lá, ficava meia hora fazendo gritos em relação a isso, com cartaz em relação a isso e depois virava tudo contra a polícia. O problema virava a polícia! Então assim, acabava deturpando então.

Amante de um bom vinho, Adriano escuta Ella Fitzgerald no toca-discos. O som do vinil embala o coração do capitão que entende desde assuntos políticos até o nome de músculos do corpo humano. É a multidisciplinaridade em sua máxima acepção.



Letrada

III. Letrada

Anualmente, diversas pessoas prestam concurso ao longo do território nacional. Segundo os dados da Associação Nacional de Proteção e Apoio ao Concurso (Anpac) somente em 2001 quase 12 milhões de brasileiros lutaram pelas 650.500 vagas oferecidas no serviço público federal, estadual e municipal. De domingo a domingo, seja nas bibliotecas públicas ou nos cursinhos particulares, olhos atentos acompanham cada um dos itens dos mais variados editais.

Até novembro de 2013, foram ofertadas mais de 130 mil vagas. São dentistas, engenheiros, arquitetos e até economistas que trocaram a iniciativa privada por um Vade Mecum. Alguns, por não suportarem a rotina desregrada do mercado, outros por terem sido demitidos sem direito à contestação. Porém os especialistas alertam que cada vez mais o concurso é procurado devido à vocação para o funcionalismo público.

Ivo, 45 anos, formado em Administração, acompanha silenciosamente a aula de Direito Constitucional em um curso preparatório na Asa Sul. O professor Arthur Tavares tem apenas 25 e já é analista judiciário da Câmara dos Deputados. Após citar sistematicamente um artigo, o professor adverte:

– Isso você só aprende em curso cujo quadro tem quatro quadrantes como em Harvard.

Ao fim da aula sobre os direitos e garantias fundamentais, Ivo conta que trabalhava há anos em uma empresa pública e, em certo dia, recebeu a notícia de que o haviam substituído por um jovem. Com o dinheiro do seguro desemprego, o administrador estava mantendo a família e investindo em um curso preparatório para o Ministério Público da União. Dia a dia depositava no *Parquet* a expectativa de um futuro melhor.

Na mesma instituição Aline Rizzi, bacharela em Letras e pós-graduada em Literatura Brasileira, ministra as aulas de Gramática. Nascida em uma família de comerciantes, a professora se orgulha de sua origem humilde na periferia de Brasília. Aos onze anos, Aline era caixa do mercado de seu pai, localizado em Ceilândia, região administrativa situada a vinte e seis quilômetros do Plano Piloto. A grande oportunidade surgiu quando ela e seus irmãos conseguiram uma vaga na Fundação Bradesco, uma renomada escola localizada na Ceilândia Sul. Dentre as regras da instituição, atualmente uma em particular emociona a professora: a de que os tênis deveriam ser impecavelmente limpos. Devido ao fato de morar em um lugar tomado pelo barro, Aline ia para a escola de chinelos e levava os tênis em uma sacola de supermercado. É com orgulho que ela conta essa história e reconhece que o estudo foi a grande ferramenta de sua transformação social em sua vida.

Aos dezesseis anos, Aline percebeu que seu futuro não estaria no comércio e acabou optando pelo curso de Letras. No terceiro semestre da graduação, foi convidada para dar aula no *Telecurso 2000*, onde assumiu diversas matérias tais como física, química e biologia. Leiga na maioria delas, a professora lia atentamente o conteúdo a ser ministrado e simplesmente repetia tudo que havia lido. No quarto semestre, foi chamada para trabalhar no pré-vestibular da Universidade Católica, onde finalmente passou a lecionar literatura e produção de texto.

Em 2002, foi convidada por um dos maiores professores de português de Brasília para atuar em um dos preparatórios para concurso mais procurados atualmente na capital. Porém, adverte: a grande paixão

continua sendo pela análise de obras literárias, mas como a gramática é a mais rentável, tem dedicado seus esforços a ela.

O amor incondicional pela literatura, no entanto, não foi influenciado pela família. O pai, comerciante, possui apenas o quarto ano do ensino fundamental. A mãe, dedicada costureira, terminou o ensino médio via supletivo. Aline lembra que a grande influência foi dada pela leitura de grandes clássicos na escola. É com entusiasmo que descreve uma peça de teatro realizada no ensino médio, na qual ela e seus amigos representaram a obra *O Guarani*, de José de Alencar.

Uma lembrança menos honrosa é a da leitura de Paulo Coelho. Escondendo o rosto enrubescido, a professora diz:

– Eu conheci Paulo Coelho mas assim, porque todo mundo lia. Mas depois quando você começa a perceber realmente o que é literatura, Machado de Assis, Clarice, e você começa a trabalhar com Dostoiévski, você fala: “putz, não! Para, Paulo Coelho, sai daqui pelo amor de Deus! Você não faz mais parte da minha prateleira, sai daqui!

Hoje, mãe de Giovana de treze anos, Aline procura ler e discutir as grandes obras com a filha que também é absolutamente apaixonada pela literatura. É com muita alegria que conta o entusiasmo da filha ao ficar horas a fio mergulhada em um livro:

– Qual é o pai que tem que brigar para um filho parar de ler? Com a Giovana é assim! – conta a professora para a sala com quase cem alunos.

A bacharela em Letras chega a ministrar cerca de quatorze aulas por semana e é com grande pesar que abre mão do convívio familiar, indo trabalhar no cursinho até mesmo aos sábados e domingos. A despeito de suas brincadeiras em sala de aula ao dizer que a filha vive reclamando da ausência materna, explica que ela encara de forma consciente o sacrifício.

Após mais uma de suas explicações, Aline adverte aos alunos:

– Eu estou treinando vocês para a guerra!

E é exatamente dessa forma que ela encara o concurso, como uma batalha na qual vence o que possui a melhor estratégia. Nem sempre o que tem mais facilidade é aprovado, pois às vezes, na tentativa de se aprofundar mais em uma matéria, o candidato acaba não focando nos

pontos que realmente são cobrados pela banca examinadora. E nessa guerra, apenas um ponto pode te colocar acima ou abaixo de quatrocentos candidatos, explica.

Recrutando centenas de alunos diariamente, a professora também adota o regime dos concursos em casa. A filha Giovana, vem sendo treinada desde a infância para ser inserida nessa lógica. Aline diz que trabalha isso de maneira consciente e não impositiva e que se a filha resolver seguir outro caminho terá o apoio familiar. Porém, explica que privilegiar apenas os sonhos pode ser algo arriscado, uma vez que todos os dias ela trabalha com pessoas que tiveram os seus frustrados em nome da estabilidade financeira:

– Como a merda do Estado é ausente, a escola particular é cara, o plano de saúde é caro. Então não tem como ficar só com o sonho, entendeu? Você acaba tendo que podar muito o seu sonho pra dar conta da realidade - afirma.

Não é por menos que Aline adota essa postura em casa. Diariamente, ela dá aulas para dentistas, engenheiros e até arquitetos que sonharam com o empreendimento próprio, mas foram freados pela realidade do mercado. Mas adverte que tal orientação não é uma imposição:

– Ela pode ser o que ela quiser, você entendeu? Ela vai voar, agora tendo primeiro uma segurança financeira.

Com a docilidade de poucos profissionais que são plenamente satisfeitos com sua profissão, Aline encerra mais um curso para uma diversidade de profissionais, ela diz:

– Coloquem sempre Deus em suas vidas e saibam diferenciar o tempo dele. Às vezes o mundo vai te dizer não, e você não estará preparado para receber a negativa. Independente de religião, coloque Deus e ele resolverá tudo.

Acerca dessa postura e da possibilidade de alguma crítica por alunos que não tenham religião, ela afirma:

– Eu acho que as pessoas são carentes de ouvir a palavra de Deus, eu sinto isso. Normalmente quando você fala, as pessoas ficam assim: eu precisava ouvir isso, entendeu? Então eu acho que, na verdade, as

peças são carentes com relação a ouvir. Agora claro que tem alguns que falam: não, isso é bobagem, entendeu? Mas Deus é o norte de tudo, não religião. Deus em nossa vida é tudo e, assim, ouvir falar de Deus é uma coisa e ter uma experiência com Ele é outra. Eu já tive experiências fantásticas com Deus, então não tem como duvidar.

Segundo o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013, plataforma de consulta ao Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) aferido em 5.565 municípios brasileiros, o Brasil avançou nos últimos 20 anos, mas a educação freou o desenvolvimento do país no período. Participante direta desse processo, Aline ressalta que o problema tem mais origens culturais do que de investimentos:

– Culturais porque o acesso as pessoas têm. Há acesso. Não estou falando em todo o Brasil porque a gente sabe que, por exemplo, no nordeste, nos interiores, realmente é mais difícil. A gente não tem essa diversidade que tem aqui na capital, mas eu acho que é mais uma questão cultural. A família, principalmente hoje nesse contexto pós-moderno, delega muito a educação pra escola e a criança vai ter gosto pela leitura pelo exemplo que ela tem em casa.

Na infinidade de conteúdos a serem abordados em língua portuguesa, um item continua derrubando muita gente nas provas: a interpretação de texto. Ela conta que há algum tempo, um aluno pediu que ela o ensinasse a interpretar, mas que isso não é possível. A formação do vocabulário e da bagagem intelectual é crucial nesse processo, explica.

– Esses dias um aluno falou: professora, eu quero aprender a interpretar. Eu fiquei assim: que merda! Não tem como te ensinar a interpretar, você ta entendendo? Não tem como te ensinar a interpretar, isso é da vida, isso é o processo de leitura. Acaba que eu vou te dando dicas pra você, que já tem contato com o texto avançar. Agora você concorda que não tem como eu te ensinar a interpretar? E isso ninguém dá pra ninguém. Não tem como eu formar o teu vocabulário. Você forma o teu vocabulário. A tua bagagem intelectual você forma. Então cada um forma a bagagem intelectual. É a questão da autonomia, então cada um vai adquirindo pra si, não é?

A sala se levanta e os alunos formam uma fila para cumprimen-

tar Aline. O fenômeno é completamente inusitado e me lembra dos tempos de infância em que nos organizávamos pra nos despedir da tia Margarida. Em seis meses de cursinho, jamais vi ou esperei uma atitude dessas por parte dos alunos, sempre tão concentrados em cumprir editais. O clima é tão hostil, que cheguei a ter medo de deixar o caderno na sala nos primeiros dias de preparatório. A competitividade paira no ar. Hoje, porém, nada disso está em jogo. Quem está no tablado é Aline Rizzi, o ser humano que desperta tudo o que há de melhor em cada um. É com esse sentimento de gratidão que os alunos a abraçam e agradecem por todo conhecimento apreendido. Uma aluna a presenteia com uma semi jóia e uma rosa de chocolate. Pergunto se é aniversário da professora e outra aluna me responde:

– Não, mas é o último dia de aula da Aline, né?

No abraço da despedida, um sorriso que eu me lembro de ter dado na infância.

IV



O dono do mundo

IV. O dono do mundo

A crescente urbanização faz com que haja uma elevação substancial na densidade demográfica. São diversos os efeitos catastróficos desse fenômeno, mas se você perguntar para um jovem do ensino médio qual é o mais grave deles, a resposta certamente será o aumento na concorrência do vestibular.

Junto aos estudantes regularmente matriculados há uma série de concorrentes que ainda não conseguiram uma vaga e batalham dia a dia pelo tão almejado registro acadêmico. Além daqueles que não se satisfizeram com a primeira opção de curso e tiveram coragem de se arriscar em mais um processo seletivo.

No último certame realizado pelo Cespe/UnB foram vinte e três mil duzentos e trinta e quatro inscritos. Dentre eles Juliane, que aos vinte e cinco anos já perdeu as contas de quantos vestibulares prestou para medicina. A rotina de estudos é intercalada com o expediente no caixa do salão de beleza de sua mãe.

Em Brasília, são sete da manhã quando ela se dirige para uma sala de estudos de um cursinho em Águas Claras.

Há poucos quilômetros dali, na Vicente Pires, Pedro Correia ainda dorme. São exatos vinte e dois anos e um metro e oitenta de estatura

esparramados na cama de casal. Na prateleira acima, um coração de pelúcia com um casal de sapos abraçados. Quem assiste a cena pensa que se trata de um presente de ex-namorada, guardado como lembrança de um tempo bom. Porém, é apenas um presente de uma fã do guitarrista da banda Imaginária, que ao transcorrer dessa narrativa acorda para mais uma partida de futebol.

Lentamente Pedro abre os olhos verdes e se dirige ao banheiro para se arrumar. Na pia, uma quantidade razoável de perfumes. Um deles se destaca entre os frascos: *1 Million*, de Paco Rabanne, com notas de laranja de sangue, grapefruit, hortelã, rosa, canela, âmbar, couro, madeiras e patchouli da Indonésia. Segundo seu criador, em todas as civilizações e religiões, o ouro sempre seduziu as pessoas. Em formato de barra de ouro, a fragrância francesa abriga um atrevido jogo de sensações olfativas que aliam sensualidade requintada e virilidade expressa. Porém, ele fica reservado para baladas e momentos estratégicos. Agora, a bola vai entrar em campo.

Na posição de volante, o santista não marca nenhum gol. Acaba não honrando seu time de coração no quesito futebol. Porém, se considerarmos que seu verdadeiro treinamento objetiva representar a Universidade de Brasília no mercado de trabalho, Pedro é uma de suas grandes revelações. Sua história de sucesso é tão precoce que lembra a de astros de seu time, tais como Pelé e Neymar.

Mas apesar de tantas metáforas futebolísticas, não foi nos gramados que Pedro emplacou, mas no jornalismo. Ainda na condição de graduando, ele se inscreveu para o processo seletivo *Passaporte SporTV* da Rede Globo, que escolheria onze candidatos entre cerca de três mil concorrentes. Após uma série de etapas que abrange análise curricular, provas online de português, inglês, conhecimentos gerais e raciocínio lógico, ele passa para as próximas fases. Nelas, após dinâmica de grupo, redação, prova oral de idiomas, pesquisa comportamental, atividade prática de produção de reportagem e entrevista individual com os principais executivos do canal, Pedro será contratado pela maior emissora de televisão do Brasil e morará em um *flat* na Barra do Rio de Janeiro. Porém, até chegar nesse estágio, terá que voltar do futebol para casa,

tomar banho, almoçar e correr para a TV Brasília, local onde trabalhava em junho de 2013.

A carreira, no entanto, não é fruto do acaso. Apesar de contar com a sorte, a disciplina e o conhecimento foram os elementos que o levaram a esse caminho. Filho de militar, Pedro se deparou desde cedo com a importância da dedicação. Desde a idade escolar apresentava um excelente comportamento, porém quase foi expulso no último dia de aula. O motivo foi exatamente o mesmo que o levou a compor tantas músicas: o amor. Dentre as regras do rígido Colégio Militar de Brasília estava a proibição de namorar no perímetro escolar. O rapaz, no entanto, tinha uma namorada e a infringia pegando na mão da moça ou emprestando seu casaco quando ela estava com frio. Para qualquer um de nós, algo absolutamente normal e até digno de aplausos, mas para a coordenação da referida instituição, um motivo de advertência.

Retrocedamos um pouco ao ano de 2008. No mês de fevereiro, Pedro Correia, Mamal Fernandes, Tafas, Paulo e Pedro Xeneta formavam a Banda Imaginária e realizavam seu primeiro ensaio. Inspirados nos versos de Renato Russo os jovens resolveram lançar em outubro do ano seguinte, o EP “Quem vai te fazer feliz?”, com cinco faixas. A aceitação foi estrondosa: em apenas 24 horas de lançamento da obra na rede mundial, a banda obteve nada menos que dois mil acessos. Com 48 horas, esse número dobrou.

No dia 10 de outubro ocorreu o show de lançamento. A banda esperava um público singelo, mas foi surpreendida com quase mil pessoas no Parque da Cidade. Porém, foi o ano de 2010 que firmou banda no cenário brasiliense. A Imaginária foi escolhida pra dividir palco com todos grandes nomes que vieram à Brasília, tais como Forfun, Fresno, Restart e Cine.

As letras, quase todas românticas, foram compostas por Pedro e em sua maioria retratam relacionamentos que deram errado. O compositor e guitarrista afirma que elas foram feitas em momentos de evasão e tristeza:

– Eu compus muito pouco quando estava feliz, geralmente é quando estou triste mesmo. É mais uma coisa assim, de tipo: já que eu

não vou falar isso pra pessoa, já que eu não vou falar isso pra ninguém, vou escrever uma música – explica.

Para o rapaz, o alívio imediato dessa dor é ver o público cantando a música e gostando da obra. Porém, ao ser questionado acerca do envolvimento com fãs, Pedro é certo:

– Sentimentalmente não. Só uma ficada aqui, outra acolá, mas com fã eu nunca me envolvi sentimentalmente não.

Aliás, envolver-se sentimentalmente parece não estar nos planos do jovem a curto prazo:

– Hoje, o Pedro é mais o cara da noite. - diz incisivo.

Apesar do veio artístico exacerbado, o jornalista teve que abrir mão da carreira para se dedicar à profissão, mas não esconde a predileção pelo universo musical. Quando questionado quanto à qual profissão largaria, sabendo que teria o sucesso máximo na que escolhesse, o rapaz não hesitou:

– Bem, nessas condições, que não são reais, eu abriria mão da carreira de jornalista.

Ateu em um ambiente familiar eminentemente católico, Pedro diz que sua maior inspiração foi seu avô, cuja formação intelectual é invejável: militar, posteriormente advogado e professor de português. Apesar de não ter sido jornalista, ele gostaria de sê-lo, o que também direcionou a escolha do neto. O pai, no entanto, preferia que ele seguisse a carreira militar. A mãe, Zilmar Correia, estaria mais satisfeita com algo próximo a juiz. Ambos, no entanto, apoiaram a decisão do jornalista.

A imprensa agradece afinal ele começou a se destacar desde a graduação. Nos primeiros semestres de graduação, foi escolhido para participar da Politeia, projeto do Instituto de Ciência Política da UnB no qual os participantes simulam construções de propostas de lei e a encaminham para apreciação dos colegas com base em processo legislativo brasileiro. Em 2011, atuou no projeto como jornalista. No ano seguinte, representou o papel de deputado.

Na condição de aluno na disciplina Jornalismo Literário, ele ousou elaborar um perfil de Eduardo Suplicy. Ao ler a obra, o político

ligou para agradecer e elogiar seu trabalho.

Hoje, se você perguntar na Faculdade de Comunicação da UnB quem foi Pedro Augusto Correia, provavelmente vai encontrar uma resposta semelhante à que escutei há alguns dias enquanto conversava sobre o livro dele com a minha orientadora:

– Nossa, ele é muuuuuuito bom. – disse uma menina aleatoriamente, sem ser questionada sobre absolutamente nada.

Tanto que uma das observações feitas por um dos professores em sua banca de Trabalho de Conclusão de Curso, foi:

– O Pedro é muito bom. O problema é que ele sabe disso.

Sabe tanto que, mesmo trabalhando na TV Brasília como repórter e participando do processo seletivo *Passaporte SporTV*, resolveu fazer como projeto final de curso um livro-reportagem sobre a noite de Brasília. Sob a orientação de Paulo Paniago, o aluno realizou um minucioso trabalho de investigação acerca do que acontece em Brasília quando o sol dá lugar à escuridão. *Quando a cidade dorme* traz um panorama do período noturno brasiliense que vai desde as baladas aos plantões médicos. Nele, é possível rir e chorar ao transcorrer de um parágrafo. Brincando eficazmente com todos os sentidos do leitor, a obra nos transporta de tal maneira para as cenas que somos capazes até mesmo de sentir o cheiro de sangue que jorra em algumas delas. O resultado não poderia ser diferente: Pedro foi aprovado com a máxima menção na banca final e já está centrado em *O dono do mundo*, sua próxima obra.

No entanto, sua grande paixão é pela televisão e a visibilidade que ela traz. Quando questionado sobre a importância desse fator em sua concepção de sucesso, ele diz:

– É bem grande. Essas coisas de ego de jornalista mesmo, de estar ao vivo. É bem maior do que simplesmente fazer uma reportagem e você aparecer vinte minutos direto, mesmo que em rede local. A visibilidade é bem importante.

Surge, portanto um embate reconhecimento profissional e visibilidade, que se intercalam na vida de Pedro em grau de importância. Quanto a esse questionamento, ele hesita:

– Estou tentando achar uma resposta sincera dentro de mim. Eu não sei o que valorizo mais: reconhecimento profissional ou fama?

Após algum tempo em silêncio, batendo os dedos contra a mesa, assume:

– Cara, essa pergunta é muito difícil! Tá, vou responder a fama.

Quando digo que ele foi sincero, Pedro ri. Ao comprimir os olhos e passar a mão pelos cabelos, ele tenta esconder um traço inequívoco de sua personalidade: a luta desenfreada pela visibilidade. Seja na tela da televisão ou nos palcos da cidade, o rapaz busca mostrar o que há por detrás dos raros olhos verdes.

Mas a modéstia, tão combatida por grandes filósofos como Friedrich Wilhelm Nietzsche, parece não acompanhá-lo durante toda a entrevista. Ao perguntar se ele se orgulha por ter alcançado os objetivos precocemente, ele não titubeia:

– Aham, até porque foi inesperado mesmo. Eu tinha um planejamento de carreira, assim, daqui a tanto tempo eu quero alcançar isso, mas alcançar estar na Globo era um planejamento pra mim que era pra daqui a cinco, sete anos.

Pedro realmente não poderia supor que a carreira deslanchasse de maneira tão célere. Alguém, no entanto, havia previsto seu destino: uma de suas antigas entrevistadas. Quando ainda estava na graduação, o rapaz foi fazer uma reportagem com uma vidente. Completamente incrédulo, ele apurou os dados. Ela então perguntou se ele queria saber qual seria seu destino. Para não contrariá-la, ele disse que sim. A mulher então disse que ele moraria no exterior num futuro bem próximo. Disse também que alguns parentes dele adoeceriam gravemente. Sem acreditar, ele foi embora.

Algum tempo depois, Pedro descobriu que alguns familiares realmente estavam enfermos. Selecionado para o *Passaporte SporTV* ele mora no Rio de Janeiro. Após um período de treinamento, ele e os outros participantes viajarão para países que terão sua seleção participando da Copa do Mundo, em 2014, no Brasil. Lá, eles morarão durante algum tempo, produzindo reportagens acerca da cultura local.

Independente da fé do jornalista ou da veracidade do poder de

revelação da vidente, uma coisa fica clara: Pedro, mais do que nunca, é o dono do mundo. E quando se entrevista um autor do próprio destino, fica difícil perguntar qual é o seu sonho. É evidente que ele o esteja vivendo em sua plenitude.

DEVO
À SR

OLTA

UAS

de volta às ruas

Após uma série de entrevistas, muitas horas de gravação, bronquite e dores intermináveis na coluna, os anônimos começavam a ganhar vida nas páginas que eu escrevia diariamente. Mas ainda existia a vontade de compreender melhor as pessoas que foram às ruas.

Fui então a mais uma manifestação em Brasília, porém encontrei personagens muito semelhantes aos que já havia entrevistado. A insatisfação ainda persistia. Somente quando desisti de procurar é que finalmente encontrei a resposta.

Ela veio no dia 6 de novembro de 2013 enquanto eu dirigia do Plano Piloto para Águas Claras. Lá fora, uma chuva intensa dificultava até mesmo que eu enxergasse o caminho. Foi nesse instante que o semáforo da Rodoviária ficou vermelho e ele veio andando para perto de mim. Perdi o ar por alguns instantes, a boca ficou seca de nervosismo. Eu simplesmente não acreditava na cena que se erguia diante dos meus olhos. Um homem de aparentemente 25 anos vinha em direção ao carro em meio à chuva bravia. Descalço, segurando apenas um pedaço de papelão sobre a cabeça, ele estendia a mão por detrás do meu vidro fechado.

Quando as gotas de chuva tocavam a imagem dele sobre o vidro, ocorreu-me associá-las com o choro dos desesperados. E era assim que

ele me parecia naquela distância, naquele frio desolador. Tive vontade de chorar também, senti-me impotente. Após a sofreguidão, atentei-me para o fato de que aquelas mãos pediam algo. Abri então a bolsa e encontrei uma nota de R\$ 10. Resolvi então entregar esse valor para o rapaz, acreditando que estava fazendo algo de extraordinário. Esqueci por alguns instantes que esse valor era irrisório se comparado ao que acabava de gastar com algo menos importante.

Ao abrir o vidro e entregar a nota, recebi um sorriso que lembrou-me o de uma criança ao ganhar seu primeiro brinquedo. Digo pela inocência, pois se levar em conta o aspecto estético, seu sorriso era devastado por cáries e extrações típicas daqueles que não tiveram acesso a tratamentos odontológicos, precisando muitas vezes arrancar com suas próprias mãos um dente que pararia de doer caso fosse restaurado.

Olhei profundamente em seus olhos e disse:

– Que Deus lhe abençoe grandemente.

Ele me estendeu a mão, emocionado. Colocando a minha sobre a dele, fui mais uma vez surpreendida:

– Meu nome é Marcos.

Respondendo à pergunta que eu não fiz, ele acabava de sair do anonimato. Segurando fortemente a minha mão, eu senti que ele queria me dizer muito mais sobre a sua vida. Jamais estive tão próxima de um completo desconhecido e, paradoxalmente, tão distante. Segurando para não desabar em sua frente, respondi, trêmula:

– Prazer, Marcos.

Ele perguntou-me:

– Pra onde você tá indo?

– Pra Águas Claras – respondi.

– Me leva com você?

No pedido de Marcos, o mistério da vida. Olhei ao meu redor, desnorteada, e pensei quantos anônimos ainda nos aguardam abaixar os vidros para pedir uma carona e se revelar por inteiro. Tive a nítida impressão de que qualquer lugar que eu dissesse serviria para ele. O importante mesmo era sair dali, daquela realidade e poder falar com alguém.

Senti vontade de abraçá-lo, colocá-lo no carro e mudar completa-

mente a sua vida. Porém, fui consumida pelo mesmo sentimento que impediu milhares de brasileiros a irem às ruas lutar por um Brasil mais justo: o medo. Dei-lhe o guarda-chuva e disse que precisava ir porque estava atrasada.

Percebi que o temor nos paralisa sempre e foi exatamente ele que me impediu de conhecer melhor o ser humano que me estendia a mão naquele dia chuvoso. Lembrei-me de cada um dos entrevistados e da grande experiência que foi conhecer o ser humano por detrás de cada reivindicação. Compreender a história de suas vidas inseridas no contexto nacional era dar o primeiro passo na busca pelas suas angústias. Mas eles continuavam sendo anônimos para a maioria. E quantos ainda aguardavam para ser escutados? Estávamos todos sempre muito temerosos ou atrasados para receber o ser humano por detrás da máscara.

